

UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO

Mestrado em Educação

PRISCILA APARECIDA GASPAR

**AS ASSEMBLEIAS DE CLASSE: UMA FERRAMENTA PARA A
PRÁTICA EDUCATIVA QUANTO AO CUIDADO DE SI E DO OUTRO**

Itatiba-SP

2024

PRISCILA APARECIDA GASPAR – RA 202.239.599

**AS ASSEMBLEIAS DE CLASSE: UMA FERRAMENTA PARA A
PRÁTICA EDUCATIVA QUANTO AO CUIDADO DE SI E DO OUTRO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação da Universidade São Francisco, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa: **Educação, sociedade e processos formativos.**

Orientador: Prof. Dr. Carlos Roberto da Silveira

Itatiba-SP

2024

371.133
G232a

Gaspar, Priscila Aparecida

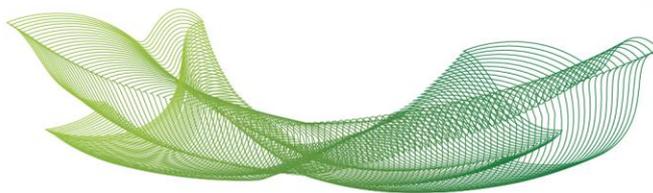
As assembleias de classe: uma ferramenta para a prática educativa quanto ao cuidado de si e do outro / Priscila Aparecida Gaspar – Itatiba, 2024.

85 p.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade São Francisco.

Orientação de: Carlos Roberto da Silveira.

1. Ferramenta Pedagógica. 2. Processo Formativo.
3. Ética. 4. Escuta-Ativa. 5. Cuidado de si e do outro e com o meio. I. Silveira, Carlos Roberto da. II. Título.



**Educando
para a paz**

**UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU
EM EDUCAÇÃO**

Priscila Aparecida Gaspar, defendeu a dissertação “AS ASSEMBLEIAS DE CLASSE: UMA FERRAMENTA PARA A PRÁTICA EDUCATIVA QUANTO AO CUIDADO DE SI E DO OUTRO”, aprovada no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação da Universidade São Francisco em 29 de agosto de 2024, pela Banca Examinadora constituída pelos professores:

Prof. Dr. Carlos Roberto da Silveira
Orientador e Presidente

Profa. Dra. Márcia Aparecida Amador Mascia
Examinadora

Profa. Dra. Luciana Aparecida Silva de Azeredo
Examinadora

Dedico a minha mãe que me motivou sempre a estudar e acreditar que posso realizar meus sonhos. Agradeço a todos os meus amigos pela compreensão de minha ausência e com as palavras de otimismo nesta jornada.

GASPAR, Priscila Aparecida. **As assembleias de classe: uma ferramenta para a prática educativa quanto ao cuidado de si e do outro.** Dissertação (Mestrado em Educação) 2024. 86p. Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação. Universidade São Francisco, Itatiba/SP

RESUMO

A presente dissertação da Linha de Pesquisa em Educação, Sociedade e Processos Formativos da Universidade São Francisco em apoio da CAPES¹, tem por base uma investigação de abordagem qualitativa, teórica e de campo sobre a Assembleia de Classe como uma ferramenta para a prática educativa do professor, quanto ao cuidado de si e do outro, baseada nas teorias éticas de Michel Foucault. O foco desta pesquisa é o de tentar compreender se realmente esse movimento de assembleísmo pode ser uma ferramenta importante para a prática do professor, contribuindo para o processo didático durante o ano letivo. Para a realização deste trabalho foi escolhido como cenário de atuação uma escola do interior do estado de São Paulo, que oferece Ensino Fundamental I e II juntamente com a Educação de Jovens e Adultos (EJA) no seu período noturno. A pesquisa foi desenvolvida no segmento Fundamental I com a participação dos professores de séries distintas para que se compreendesse como ocorrem as Assembleias de Classe quanto às práticas educativas e a relação de diálogo entre os envolvidos para com seus estudantes. Os sujeitos participantes foram duas professoras e um professor de turmas diferenciadas: primeiro ano, terceiro ano e quinto ano, para que se acompanhasse o trabalho e o movimento de Assembleia de Classe a interação e a relação entre o diálogo e a ética aos assuntos abordados na Assembleia, bem como, a condução pelos professores. Para tanto, realizou-se uma pesquisa com questionários semiestruturados para problematizar a temática sobre as assembleias. O objetivo geral foi compreender como a Assembleia de Classe pode ser considerada uma ferramenta pedagógica que pode auxiliar o trabalho do professor dentro e fora da sala de aula. Como objetivos específicos optou-se por: a) Investigar como as Assembleias de Classe contribuem como práticas educativas do professor no chão da escola; b) Observar como a(o) professor usa a ferramenta Assembleia de Classe c) Analisar o processo de subjetivação da(o) professor, quanto ao cuidado de si e do outro, enquanto suporte importante na práxis, no diálogo com seus estudantes e nas trocas com seus pares. Todo o material utilizado foi transcrito com o auxílio do diário de bordo utilizado nos momentos das entrevistas pela pesquisadora. Utilizou-se como conceito o cuidado de si e do outro baseado em Foucault, quanto ao sujeito que compõe sua ética a partir das relações entre o poder e a liberdade quando se olha para como essas relações ocorrem na sala de aula no dia a dia em uma Instituição educacional. Os autores que tratam do tema assembleísmo foram Ulisses Ferreira Araújo e Josep Maria Puig, dentre outras. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade São Francisco, sob o Registro CAAE-74711923.0.0000.5514.

Palavras-chave: Ferramenta Pedagógica, Processo Formativo, Ética, Escuta-Ativa, Cuidado de si e do outro e com o meio.

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

GASPAR, Priscila Aparecida. **Class assemblies: a tool for educational practice regarding self-care and care for others**. Dissertation (master's in education) 2024. 86p. Stricto Sensu Postgraduate Program in Education. Universidade São Francisco, Itatiba/SP

ABSTRACT

This dissertation from the Research Line in: Education, Society and Formative Processes of Universidade São Francisco, supported by Capes², is based on a qualitative, theoretical and field investigation on the Class Assembly as a tool for the educational practice of the teacher, regarding self-care and care for others, based on the ethical theories of Michel Foucault. The focus of this research is to try to understand whether this assembly movement can really be a valuable tool for the teacher's practice, contributing to the didactic process during the school year. To conduct this work, a school in the interior of the state of São Paulo was chosen as the setting for action. It offers Elementary School I and II together with Youth and Adult Education (EJA) in its evening period. The study was developed in the Elementary School I segment with the participation of teachers from different grades so that it could be understood how Class Assemblies occur in terms of educational practices and the relationship of dialogue between those involved and their students. The participating subjects were two female teachers and one male teacher from different classes: first grade, third grade and fifth grade, so that the work and movement of the Class Assembly, the interaction and the relationship between dialogue and ethics to the subjects addressed within the Assembly, as well as the conduct by the teachers, could be monitored. To this end, a survey was conducted with semi-structured questionnaires to problematize the theme of the assemblies. The general objective was to understand how the Class Assembly can be considered a pedagogical tool that can assist the work of the teacher inside and outside the classroom. The specific objectives chosen were a) To investigate how Class Assemblies contribute to the teacher's educational practices at school; b) To observe how the teacher uses the Class Assembly tool; c) To analyze the teacher's process of subjectivization, regarding self-care and care for others as an important support in praxis, in dialogue with students and in exchanges with peers. All material used was transcribed with the help of the researcher's logbook during the interviews. The theoretical framework used was care for oneself and care for others based on Foucault, regarding the subject who composes his/her ethics based on the relations between power and freedom when looking at how these relations occur within the classroom daily and in an educational institution. The authors who deal with the theme of assembly were Ulisses Ferreira Araújo and Josep Maria Puig, among others. The research was approved by the Ethics and Research Committee of the University of São Francisco, under Registration CAAE-74711923.0.0000.5514.

Keywords: Pedagogical Tool, Training Process, Ethics, Active Listening, Care of Oneself and Others and the Environment.

² 2 This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001.

LISTA DE SIGLAS

BNCC: Base Nacional Comum Curricular

BDTD Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

CAPES: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CEP: Comitê de Ética em Pesquisa

HTPC: Hora de Trabalho Pedagógico Coletivo

LDBN: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MEC: Ministério da Educação

PPGSSE: Pós-Graduação em Educação Stricto Sensu em Educação

PPP: Projeto Político Pedagógico

SciELO: Biblioteca Eletrônica Científica Online

UNINOVE: Universidade Nove de Julho

USF: Universidade São Francisco

SUMÁRIO

MINHAS MEMÓRIAS QUE NÃO DESBOTAM.....	09
INTRODUÇÃO.....	19
CAPÍTULO 1 – DA ASSEMBLEIA ATENIENSE À INSTITUIÇÃO ESCOLAR	23
1.1 A origem da Assembleia Ateniense.....	23
1.2 As Assembleias nas Instituições Escolares: do básico ao Ensino Superior....	30
1.3 As assembleias nas Instituições escolares de Ensino Básico	35
1.3.1 Assembleia Docente.....	38
1.3.2 Fórum Escolar	40
CAPÍTULO 2 – AS ASSEMBLEIAS DE CLASSE NO DIA A DIA	43
2.1 Assembleia de Classe	43
2.2 Convivendo com Assembleia de Classe.....	48
2.3 Os participantes da pesquisa.....	54
2.4 Os documentos escolares e os documentos oficiais.....	69
CAPÍTULO 3 – ASSEMBLEIA DE CLASSE COMO POSSÍVEL FERRAMENTA PARA PRÁTICA EDUCACIONAL	71
3.1 O cuidado de si e do outro em Foucault.....	71
3.2 Análise da Pesquisa.....	76
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	81
REFERÊNCIAS.....	84

MINHAS MEMÓRIAS QUE NÃO DESBOTAM

*Tem lugares que me lembram
 Minha vida, por onde andei
 As histórias, os caminhos
 O destino que eu mudei
 Cenas do meu filme em branco e preto
 Que o vento levou e o tempo traz
 Entre todos os amores e amigos
 De você me lembro mais
 Tem pessoas que a gente
 Não esquece nem se esquecer
 O primeiro namorado
 Uma estrela da TV
 Personagens do meu livro de memórias
 Que um dia rasguei do meu cartaz
 Entre todas as novelas e romances
 De você me lembro mais
 Desenhos que a vida vai fazendo
 Desbotam alguns, uns ficam iguais
 Entre corações que tenho tatuados
 De você me lembro mais
 De você, não esqueço jamais
Minha vida³ (Lee, 2001)*

Produzir memórias não é uma tarefa simples. Sentar-se à frente do computador e digitar incansavelmente, mesmo com organização e direcionamento do que se queira contar, é algo complicado e de muita responsabilidade, pois se torna necessário refletir sobre como queremos atingir o leitor, que rumo queremos apresentar a partir de nossas reflexões.

Parece sedutor, porém, é complexo até para grandes escritores ou pessoas que possuem maior experiência e têm mais facilidade em produzir textos.

Ao revisitar as minhas memórias fiquei dias pensando em como começar a escrita deste memorial de formação, anos de vida (cronológico), minha formação e como tornar este texto interessante para o leitor. Tive bloqueios com a escrita, com os pensamentos e antes que pense que não eu não sei falar sobre a minha própria pessoa, digo, a questão não é essa, mas

³ Minha Vida - composição: John Lennon / Paul McCartney. Tradução da Letra de Rita Lee, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ImKODXtNK4g>

sim a questão: o que quero compartilhar? O que quero que os leitores deste memorial saibam ou sintam com a leitura do texto? E o que deixar nas entrelinhas? Por isso o bloqueio.

Ao ouvir a música “Minha Vida” de Rita Lee, a letra me fez refletir sobre as experiências que moldaram a vida de um sujeito que narra as suas provocações por meio da sua existência e vivência. Lugares, sabores, amores e lembranças desencadeiam memórias nos quais o autor vivenciou, e será que realmente quer as visitar? Ou, como são revisitadas? Qual é a sensação que estas memórias provocam? Penso eu.

Esses elementos servem como lembretes das histórias, escolhas e mudanças na vida que todo sujeito passa; isso é inerente ao ser humano. Mas, as escolhas causam impacto e todos sabemos, porém, esquecemos de tempos em tempos.

Falar sobre mulheres nunca é fácil, porque vivermos numa sociedade com raiz colonial, temos a tendência de dizer “que rebelde!”, ou “nossa, por que tanto trabalho?” “Não era mais fácil escolher casar-se, formar uma família, cuidar da casa e pronto?”

Digo que não. E ainda bem que mulheres como Simone de Beauvoir⁴, Marielle Franco⁵, Marilena Chauí⁶, Zilda Arns⁷, Marina Silva⁸, Conceição Evaristo⁹, María Lugones¹⁰ e por último, mas não menos importante minha mãe, Maria Caetano; e outras tantas desconhecidas, lutaram pelos direitos de as mulheres terem opção de escolha sobre suas próprias vidas, suas formações acadêmicas, seus empregos e, acima de tudo, seus corpos.

⁴“Simone Lucie-Ernestine-Marie Bertrand de Beauvoir nasceu em Paris, França, em 9 de janeiro de 1908. Estudou matemática no Instituto Católico de Paris e filosofia na Universidade de Sorbonne. Conheceu Jean-Paul Sartre, com quem teve um relacionamento aberto por cerca de 50 anos. Fugiu da ocupação nazista na França durante a Segunda Guerra Mundial e retornou após o conflito. Fundou a revista “Os Tempos Modernos” com Sartre e outros filósofos (Candiani, 2024)”.

⁵ Marielle Francisco da Silva foi uma socióloga, ativista e política brasileira. Ela nasceu no Rio de Janeiro em 27 de julho de 1979 e faleceu em 14 de março de 2018 assassinada a tiros (Wiki Favelas, 2024).

⁶ “Marilena de Souza Chauí é uma escritora e filósofa brasileira, especialista na obra de Baruch Espinoza e professora emérita de História da Filosofia Moderna na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Ela é considerada uma das filósofas mais importantes do Brasil e uma das mais influentes intelectuais do país, com uma vasta e reconhecida obra (Monte, Karolina, Guia do estudante, 2024)”.

⁷ “Zilda Arns (1934-2010) foi uma médica pediatra e sanitarista brasileira. Ela fundou a **Pastoral da Criança** em 1983, um programa de ação social da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil com objetivo de diminuir a mortalidade infantil seu trabalho da Pastoral foi fundamental para alcançar sua meta. Zilda Arns também foi indicada ao **Prêmio Nobel da Paz** em 2006 (Frazão, 2024 e biografia).

⁸ Marina Silva, professora, historiadora, ativista ambiental e política brasileira. Ficou notória, por suas defesas em relação às condições de vida dos seringueiros e indígenas, bem como, por suas denúncias contra o desmatamento. (ALVARENGA, Eduardo José de InfoEscola, 2022)”.

⁹ “Conceição Evaristo é uma renomada escritora brasileira, nascida em 1946, na cidade de Belo Horizonte, estado de Minas Gerais. Conhecida por sua contribuição à literatura contemporânea e sua representatividade na literatura afro-brasileira. Sua trajetória é marcada por uma vida de superação e dedicação à literatura. (Arthur, O portal da literatura Afro-Brasileira, 2021)”.

¹⁰ “María Lugones nasceu em Buenos Aires, 26 de janeiro de 1944 faleceu em 14 de julho de 2020 foi uma socióloga, professora, feminista e ativista argentina, radicada nos Estados Unidos. Maria estudava e teorizava sobre as variadas formas de resistência contra várias formas de opressão. (Bidaseca, Karina, 2024)”.

Comecei minha vida dando trabalho para este mundo na década de 80, mais precisamente no ano de 1981. Filha de pai e mãe com pouca escolaridade oriundos da terra, plantadores de café, milho e feijão. Com o passar dos anos, foram tecelões e conviveram com a crise econômica e com outro tipo crise: educar duas filhas para uma sociedade que, naquele período, tinha como concepção que meninas deveriam apenas estudar para serem operárias ou, no máximo, terem um diploma de secretária e ainda era preciso saber datilografar. As famílias que ganhavam um pouco mais podiam deixar suas meninas estudarem e ter o diploma de professora. Não havia muitas possibilidades para jovens meninas de baixa renda atingirem esse patamar numa sociedade cujas concepções de colonialidade são enraizadas.

No ano de 1988, ao entrar na escola fundamental pela primeira vez, a professora da primeira série, uma senhora com a face muito fechada, sem aberturas para uma conversa de dia a dia, só queria alunos perfeitos. Em menos de dois meses de aula todos deviam estar lendo a cartilha e se não liam, tratava de conduzi-los para o reforço. Fui um deles porque trocava as letras m/n na escrita. Hoje, rememorando esse passado, penso que amava aqueles momentos de reforço.

A professora do reforço sempre nos recebia com um abraço e palavras bem acolhedoras, fazendo com que eu me sentisse confortável naquela escola. Ali tive meu primeiro pensamento profissional: ser arquiteta, embora não soubesse exatamente o que essa profissional realizava.

Então, arquitetei meu plano, e não conhecia as concepções de Maquiavel naquela idade, mas, imagino hoje, se tivesse o conhecimento do livro “O Príncipe” o que faria de diferente; afinal, acabaria por tirar vantagem da situação.

O plano imediato, muito bem elaborado, era que eu seria uma aluna de reforço para ter momentos acolhedores. Eu já havia aprendido que a letra “m” fica antes de “p” e “b”, mas a professora da sala não precisava saber. Eu queria receber a acolhida da professora de reforço, ouvir suas palavras de incentivo, que ensinava a lidar com os problemas, dizendo que iria dar tudo certo, e assim fiquei até dezembro daquele ano tendo as aulas de reforço.

No ano seguinte, na segunda série, tenho a lembrança de uma professora de estatura baixa, cabelos encaracolados, de cor castanho escuro, parecidos com os meus quando criança. Minha mãe, por trabalhar fora, sempre fazia o famoso corte “Joãozinho” em mim, pois era mais prático para uma mãe operária cuidar da filha, da casa e trabalhar.

Recordo que acreditava que seria uma adulta igual a tal professora com o mesmo corte de cabelo que eu, só que um pouco mais alta, mas não me imaginava à frente de uma sala de aula. Contudo, me lembro de que essa mesma professora sabia do meu plano, da

minha vontade de permanecer frequentando as aulas de reforço e sentia-se incomodada com isso. Dizia que eu não precisava dessas aulas e que eu poderia dar espaço para outro colega. Eu não entendia o porquê que ela me queria próxima a ela, na sala de aula regular, mas hoje compreendo.

Não sei explicar o sentimento, mas gostava dessa professora, porém nem o seu nome recorde, apenas me recorde de seu rosto, do corte de cabelo e das aulas, com suas rodas de conversa com a turma e das risadas que dávamos. Gradualmente, as minhas notas foram mostrando o que ela já sabia: eu já estava alfabetizada. Já a matemática sempre foi um desafio para mim, principalmente a subtração; as notas ficavam sempre na média.

A professora foi percebendo que não havia, então, grandes dificuldades, apenas trabalhando mais a minha falta de atenção e me passava uma lista de exercícios toda sexta-feira, para estudar no final de semana, e assim passei a não frequentar mais as aulas de reforço.

Na quarta série, ganhei meu primeiro concurso de redação ao descrever que minha bicicleta azul era meu mundo da imaginação, pois me levava para aventuras e quedas hilárias, até mesmo uma queda direta para o bueiro. O prêmio a que fiz jus pela produção do texto foi uma caixa com 36 lápis de cor. E naquela época, ter uma caixa daquela era o auge para uma criança. Contudo, o mais marcante foi a sensação de ter um texto escolhido e de ouvir o diretor anunciar meu nome como campeã.

Desse modo, o Ensino Fundamental I passou e chegou o Fundamental II. Foram outros anos difíceis com a matemática e isso acabou virando um trauma que ainda persiste. Além disso, tinha a confusão de ser adolescente e as questões com o tamanho: todo mundo ia “esticando” e eu sempre pequenina.

Mas o que me incomodava mesmo eram os textos enormes que alguns professores se dedicavam a ditar ou escrever na lousa; chegavam a ocupar três folhas de caderno. Como eu não gostava de copiar, eu fazia um resumo dos tais textos, mas os professores, claro, não aceitavam. Dessa forma, eu sempre perdia a nota referente ao conteúdo registrado no caderno, pois os textos não davam as três páginas que eles esperavam e uma página e meia era sinônimo de “não copiou”. Quanto às aulas de Educação Física, das quais a maioria dos alunos gostava, menos eu, me proporcionaram ser titular da turma do handebol, ou seja, tive novamente uma certa posição de destaque. Mas fiquei pouco no time, pois a pneumonia veio e os pulmões demoraram a se recuperar.

Passando para o ensino médio, em escola diferente, com novos colegas, professor e direção, veio o peso sobre qual carreira escolher. A escola ficava a vinte minutos de casa,

caminhava todos os dias e gostava de cumprir o trajeto silencioso com muito verde pelo caminho. Hoje o trajeto está modificado, há prédios, salões de festa e até posto de gasolina.

Naquele momento, tínhamos um professor prestes a se aposentar e que já não acreditava na educação pública, por isso não nos incentivava a dar continuidade nos estudos, mas nos prepararmos para o mercado de trabalho nas indústrias da região. Desse modo, muitos filhos de operários perdiam a motivação para seguir adiante, no sentido de buscar uma graduação.

Por outro lado, muitos dos professores daquele colégio apresentavam discursos diferentes e diziam que, por meio do estudo, conseguiríamos ter acesso a distintos caminhos. Isso impactou na vida de jovens de baixa renda como eu.

Hoje, Malala, ativista em prol da educação, corrobora com esse discurso, quando diz que “[...] uma criança, um professor, um livro, uma caneta podem mudar o mundo” (Yousafzai; Lamb, 2013, p. 221).

Como a educação faria diferença na minha vida?

Sem muito saber de como caminhar para uma carreira profissional, em meados da década de 1990, tivemos a greve da educação, melhor explicando, a greve dos professores (muito justa), na qual a classe estava descontente com a desvalorização de cargo e salário. E eu, no primeiro ano do ensino médio, passando por essa crise na educação, com a falta dos professores. Às vezes chegávamos na escola e voltávamos embora por falta de professor.

A direção e coordenação naquele período passaram a lecionar dentro das suas áreas de conhecimento para que nós, alunos, pudéssemos entrar na escola e ter pelo menos duas ou três aulas no dia.

Foi em uma dessas situações que a diretora, recém-chegada à escola, entrou na minha turma com seus saltos finos e suas pulseiras barulhentas e nos abrilhantou com seu conhecimento.

Era a aula de História, nunca me esqueci. Uma sala de trinta e dois adolescentes não piscavam e nem olhavam para os lados a fim de não perder um fio de explicação dessa diretora. E, pela primeira vez, todos participavam com suas perguntas ou dúvidas, e ela nos respondia, sem titubear e com segurança, às perguntas mais problematizadoras. As que lhe causavam uma certa dúvida, tinham a coragem de nos dizer que ia estudar um pouco mais e voltaria na próxima aula para nos responder, mesmo se o professor da turma voltasse da greve. E assim ela fazia.

Foi a partir dessa situação que tive vontade de me tornar professora, não com pulseiras barulhentas e nem salto fino. Mas, sim, pela forma como foi conduzida a aula, do dialogar, de

permitir que nós alunos pudéssemos nos envolver com a explicação e trazer ideias de fora para dentro. Sem querer, aquela diretora havia mexido com todos da turma, sem exceção.

Tive a compreensão do que queria: ser professora. Mas como? No intervalo das aulas, a diretora sempre ficava conosco, andava pela escola, sentava-se nos grupos, dava suas risadas, interagiu muito com todos os estudantes.

Em um dos intervalos, ela se aproximou da nossa roda que estava no meio do palco, no pátio, e começou a interagir conosco. Falávamos de corte e costura, acreditávamos que esta profissão um dia terminaria devido às máquinas e suas modernidades.

A diretora sentou algumas vezes mais conosco no intervalo. Isso levantou uma certa inveja de outros alunos para com nosso grupo, mas nos foi muito importante, pois trazia trecho de música ou recorte de jornais sobre trabalho, assim incentivando-nos a estudarmos e seguirmos para o curso superior.

Também me recordo do seu incentivo para que eu cursasse História, mas que antes precisaria me matricular no magistério para entender um pouco mais sobre a dinâmica de uma sala de aula. E, assim, conversei com meus pais que me matricularam no curso de magistério para o ano seguinte.

Então, tive a primeira experiência com o curso do antigo magistério. Estudei com uma turma só de meninas, desde conceitos de Lev Vygotsky¹¹ e o desenvolvimento cognitivo até a importância das avaliações diagnósticas para a educação. E, por um momento, quase pensei em desistir do curso, tamanha responsabilidade em ser educadora.

Depois de um semestre de estudos, todas as alunas do curso iniciavam seus estágios, e ao pisar na sala de aula e compreender sua dinâmica, tive certeza do que queria.

Desse modo, chegamos ao final do curso, e, no momento da nossa colação de grau, uma de nossas professoras citou Paulo Freire (2004, p.33): “não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos”; e desejou que fôssemos criativas e curiosas com a vida. Foram muito significativas suas palavras para mim.

Anos depois, passei no concurso municipal para professora do Fundamental I. Quantos desafios e descobertas vivi até a chegada da consciência do que sou hoje como pessoa e profissional. O respeito para comigo enquanto sujeito social que trabalha com o outro, com

¹¹ Lev Vygotsky foi um psicólogo responsável por pesquisas na área do desenvolvimento da aprendizagem e do papel das relações sociais no processo denominado socioconstrutivista (Frazão, 2017). Vygotsky (1896-1934) nasceu em Orsha, cidade próxima a Minsk, a capital da Bielorrússia, no dia 17 de novembro de 1896. Iniciou seus estudos primários como tutor particular e se dedicou à leitura, concluindo-o aos dezessete anos (ROSA, Ana Paula Marques, 2024).

ética e responsabilidade, se faz uma prática a cada dia com meu envolvimento para com a educação.

Desde que iniciei a interação com estudantes e suas famílias, senti a necessidade de ampliar meu conhecimento e dar continuidade aos estudos. Então, graduei-me em História pela faculdade de Bragança Paulista e depois em Pedagogia, pela Universidade Nove de Julho (UNINOVE), em São Paulo.

Ao ingressar no ensino superior, tive um pequeno impacto logo no primeiro mês de aula. Precisei desconstruir a experiência do ensino médio do meu processo como estudante, pois a dinâmica das aulas era muito diferente, ou seja, não havia registro de texto ou exercícios, mas sim leituras intensas a partir das quais os professores buscavam dialogar com o grupo.

A partir dessa didática, penso que a metodologia ativa ou sala de aula invertida (mesmo sem estar passando por uma pandemia) encontrava-se presente nos muros acadêmicos universitários e que todos nós (alunos) tínhamos que compreender e nos envolver no mundo acadêmico.

Me vem a lembrança de uma passagem na faculdade, na qual a coordenadora organizou a semana cultural, com apresentações por parte dos professores da casa, palestra com convidados e seminários dos alunos. Por não prestar atenção aos recados, pensei que todos os alunos deveriam realizar a inscrição para os seminários e assim fiz a minha.

Minha primeira reação foi cancelar minha inscrição, claro que a coordenadora não aprovou e tive que apresentar. Lembro-me de que escolhi como tema a história dos alimentos regionais e montei cartazes com imagens de algumas comidas, não apenas típicas das regiões brasileiras, mas que eram a sobrevivência de uma comunidade e da família periférica brasileira, em seus diferentes lugares. Tive apoio da professora de Antropologia.

Na minha apresentação, recordo da sensação, dos olhares e do silêncio que todos faziam para me ouvir, enquanto explorava as imagens que havia montado, explicava a importância de tal comida e sua influência no desenvolvimento econômico regional e populacional. Houve perguntas e eu soube responder. Não acreditava que podia tal ação. Penso que a partir deste episódio, desta apresentação, nasceu de fato uma educadora com muita vontade e ideias para contribuir com a Educação e com seus futuros colegas de trabalho.

A sensação de pisar na sala de aula foi marcante e tenho o “gosto” até hoje. Assim como Rita Lee (2001) descreve no verso “/cenas do meu filme em branco e preto, que o vento levou e o tempo traz/”. A sala de aula me levou para lugares e momentos muito significativos

da minha vida de estudante: o não acolhimento e a falta de vínculos com alguns professores, o acolhimento nas aulas de reforço, o acreditar, a dedicação e de poder falar em público, o respeito da diretora com a qual pude ter contato. Estas memórias se tornaram meu combustível a partir do momento em que me tornei professora e pisei na sala de aula.

A comoção da ida à formatura dos alunos do Ensino Médio e mesmo sentado ao fundo do teatro para contemplar a cerimônia, foi impactante. Ainda mais após a surpresa de ter sido a professora homenageada pelas turmas das terceiras séries. Recordo-me que, ao atravessar o teatro até o palco, toda minha vivência até aquele momento havia valido a pena. Foi minha primeira grande emoção como professora e, novamente, senti o afago que me levou até aquele momento e a valorização de meu trabalho para com a educação.

Entendi que para estar à frente de uma sala de aula não bastava ter diploma e conhecimento, precisava ser acolhedora, dialógica, revolucionária, como cita Paulo Freire (2004, p. 25):

Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina, ensina alguma coisa a alguém. É por isso que, do ponto de vista gramatical, o verbo ensinar é um verbo transitivo relativo. Verbo que pede um objeto direto - alguma coisa - e um objeto indireto - a alguém. Do ponto de vista democrático em que me situo, mas também do ponto de vista da radicalidade metafísica em que me coloco e de que decorre minha compreensão do homem e da mulher como seres históricos e inacabados e sobre que se funda a minha inteligência do processo de conhecer, ensinar é algo mais que um verbo transitivo relativo.

Ser educador é compreender que você e seu aluno são responsáveis pelo conhecimento, comprometerem-se com a aula e com a escola; é uma escolha do sujeito, que replica nas ações dentro e fora dos muros escolares.

Aquele educador comprometido com seu aluno é também comprometido com seu conhecimento, com sua formação e faz a reflexão do seu profissional. Em outras palavras, o estudar se faz presente na vida do professor e na vida pessoal também, pois este se sente mais motivado com a vida.

É por conta dessa motivação que fui buscando novos recursos, até tecnológicos, para enriquecer as minhas aulas, para proporcionar momentos significativos para meus alunos e para mim como educadora motivadora, com esses movimentos e trabalhos em ou fora da sala de aula.

Após a pandemia que acometeu o mundo em dois mil e vinte, conheci uma professora que se tornou minha amiga e que me motivou a ir para o estudo mais profundo do mundo acadêmico.

Por muito tempo, eu acreditava (com olhos coloniais) que o *Stricto Sensu* na área de Educação não fosse para mim. Minha fragilidade e insegurança foi tamanha que me bloqueava por noites a escrita de um projeto, ou para as leituras de artigos. Mas pensei, por que não? Realizei a inscrição, fiz a prova e não passei. Mas desisti? Não, sou motivada também pelos desafios e pelas derrotas.

A reprovação no processo me proporcionou noites inteiras de olhos inchados, lágrimas de decepção, mas não de desistência. Mas a força maior veio de uma senhora de seus sessenta e dois anos que me disse: o não, você já tem, o que tem que fazer para chegar ao sim? Uma mulher tecelã que sabe o que os não significam em sua vida e que não os representa. Uma mãe acolhedora e motivadora que foi fundamental para que os olhos inchados se tornassem cansados pelas leituras de textos/ artigos, rabiscos de projeto, foco com o estudo, dias sem sair do quarto, agora com um propósito.

E acontece a segunda chance, o não, uma vez dado, se tornara agora o sim tão esperado, com a compreensão de que ali não era o fim e sim o início de uma série de conquistas pessoais e profissionais e reflexões.

O não já não era mais o medo, só respeito. Depois do processo e de toda a etapa vivenciada, veio no dia dois de agosto de dois mil e vinte dois, o sim. A alegria vem pela manhã, parafraseando a ideia de uma canção gospel, mas depois deste período, compreendi a arte de ser um pesquisador. Como uma professora me ensinou tão gentilmente em sua aula de Política Educacional – “O pesquisador pesquisa sua dor” – pois, a partir do encontro com meu professor orientador resolvi me desafiar, após a sua provocação, um desafio ao tema de pesquisa foi lançado: encarar uma volta ao passado sem alteração do tema de pesquisa.

O tema, era se a assembleia possibilitava a interação e aproximação entre estudantes e educadores, numa conversa mais responsiva e de autonomia, possibilitando ações e movimentos, dentro e fora da sala de aula, enriquecedoramente para os sujeitos. Mas havia desafios: se o educador não compreende que a ação da Assembleia não pode ser para impor regras, mas sim respeitosa com as decisões baseadas na democracia e realizadas por todos, o trabalho perde o sentido.

Para uma ação democrática e respeitosa, Foucault (1985), com seu conceito do “cuidado de si” apresenta uma reflexão sobre nossas estruturas enraizadas que podem nos

proporcionar desconforto, é preciso primeiro termos clareza nas nossas ações, primeiro conosco, e depois para com o outro.

O autor reinterpreta em seu estudo e conseqüentemente no trabalho, esse conceito, fundamental na compreensão da ética e da filosofia. Para ele, explorar a ideia de "cuidado de si" é estar atento e refletir sobre suas ações, pensamentos e emoções com a prática da observação, autorreflexão e autocrítica para alcançar a compreensão de si e o respeito ao espaço do outro. Conforme o pensamento foucaultiano na *História da sexualidade I: o cuidado de si*, “[...] para ninguém é demasiado cedo nem demasiado tarde para assegurar a saúde da alma¹²” Foucault (1985, p.51).

Ao ler Foucault, venho observando minhas ações e refletindo sobre minhas referências para atuar com meu grupo na análise de nosso trabalho, ou seja, o que queremos e pretendemos como profissionais? Qual é a nossa responsabilidade dentro e fora das paredes escolares?

Atualmente estou no cargo de Coordenadora de Gestão Pedagógica Geral do ensino médio (CGPG) de uma escola de tempo integral, um novo desafio para minha carreira e para minha pessoa. Trabalhar junto aos meus pares tem sido um imenso desafio, pois é ter a dialogicidade com um grupo a partir dos estudos estipulados pela instituição na qual escolhemos atuar conscientemente, o que impacta nas nossas ações e com o cuidado uns para com os outros.

Parafraseando Rita Lee, todos os personagens que citei do meu livro de memória foram e ainda são necessários na minha vida, pois minhas memórias continuam vivas e não desbotam. Todos contribuíram para eu compreender que posso chegar a lugares importantes e necessários para meu desenvolvimento enquanto sujeito único e profissional.

¹² O conceito de alma para Foucault é a capacidade de estabelecer uma relação singular do próprio sujeito com ele mesmo. (Foucault, 2010, p. 52-53).

INTRODUÇÃO

A pesquisa que dá corpo a esta dissertação nasceu de alguns questionamentos reflexivos sobre o movimento e a ação de Assembleia Escolar de Classe nas escolas públicas de Ensino Fundamental, que destacaremos a seguir: Como essa ação de assembleísmo pode contribuir na construção da subjetivação do sujeito tomando como base o pensamento foucaultiano? Por que a dificuldade com a periodicidade regular das Assembleias de Classe pelos professores no decorrer de seus trabalhos com suas turmas? Portanto, a partir desses questionamentos em relação ao assembleísmo de classe, tentamos discutir como esta ação, este movimento, conhecido na área da educação é tão pouco aproveitado dentro de algumas escolas pelos seus educadores, sendo que pode contribuir para a prática do professor com base na ética foucaultiana.

A pesquisa tem em vista entender como o assembleísmo escolar de classe pode contribuir para a prática educativa na docência e nas relações com os estudantes, na perspectiva da ética foucaultiana.

A pesquisa tem como pressuposto teórico metodológico o aporte das teorias foucaultianas sobre o discurso do cuidado de si (*epiméleia heautoû*) com base nos livros *História da sexualidade I: o cuidado de si*, em especial. Em relação ao tema “Assembleias de Classe” o estudo tem por fundamento os teóricos Ulisses Ferreira Araújo e Josep Maria Puig.

Quanto à pesquisa de campo, esta foi aplicada em uma escola pública de Ensino Fundamental I e II, do interior do Estado de São Paulo, na qual o enfoque ocorreu com o segmento do Fundamental I, com três professor e seus alunos como coadjuvantes (sem realizar nenhuma entrevista com os menores, apenas por observar as ações e diálogo entre seus pares). A investigação possui aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade São Francisco, Registro CAAE número 74711923.0.0000.5514.

A pesquisa teve como ferramenta dois questionários, sendo um sociodemográfico aplicado aos professores durante as entrevistas. Os sujeitos participantes foram: uma professora da primeira série, outra da terceira série e um professor da quinta série. Este questionário teve como objetivo conhecer um pouco melhor os participantes da pesquisa, quanto à sua formação acadêmica e experiência profissional.

Já o segundo questionário aplicado foi o semiestruturado, com questões subjetivas, para os professores dialogarem sobre a temática da Assembleia de Classe e sua finalidade durante o processo didático nas aulas.

Em suma, consideramos que a pesquisa é relevante para a formação acadêmica, por poder contribuir para a prática do professor no sentido de estabelecer relações efetivas de diálogo e escuta com a sua turma ao longo do ano letivo, com o apoio das Assembleias de Classe e o cuidado com o outro, fundamentado na ética. Também acreditamos na sua relevância social e profissional no sentido de que possa promover momentos de partilha do conhecimento com os colegas de profissão por meio de uma reflexão e de um olhar responsivo sobre a prática das assembleias escolares de classe.

Logo, a pesquisa apresenta, por meio do objetivo geral: compreender como a experiência das Assembleias de Classe pode contribuir para as práticas educativas quanto ao cuidado de si e do outro. E por objetivos específicos propomos: a) investigar como as Assembleias de Classe contribuem como práticas educativas do professor no chão da escola; b) Observar como a (o) professor(a) recorre à ferramenta Assembleia de Classe c) analisar sobre o processo de subjetivação da(o) professor(a) quanto ao cuidado de si e do outro.

Diante da temática, foi necessário desenvolver uma investigação para conhecermos a produção acadêmica até julho de 2024, por meio das plataformas da CAPES - *Catálogo de Teses e Dissertações*, *Google Acadêmico*, BDTD - *Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações* e a SciELO - *Biblioteca Eletrônica Científica Online*, a fim de verificarmos quantitativamente a publicação de textos sobre a temática de Assembleia de Classe, com o olhar para o professor e suas possibilidades de trabalho. Procurou-se também de forma qualitativa trabalhos com enfoque no professor ao apresentar possibilidades para seu trabalho ou reflexão da sua prática didática.

Assim, dentro de nossa pesquisa, foi possível encontrarmos um número significativo com a temática assembleísmo escolar, porém, com propostas focadas para a construção do ser cidadão e seu envolvimento para com o meio. Melhor dizendo, o olhar para o estudante com a possibilidade de contribuir no entendimento do que é a ética, o ser ético nos espaços que circula.

O possível trabalho com as Assembleias nas escolas com base nos textos pesquisados, debatem sobre como a resolução de conflitos no Ensino da Educação Básica podem ser desenvolvidas e as suas possibilidades conforme as estratégias didáticas definidas pela equipe escolar, para a contribuição na reflexão das ações de conflitos ou para a participação e interação ativa nos espaços escolares pelos estudantes.

O movimento de assembleísmo escolar pode contribuir para uma autorreflexão do estudante e para o seu processo de formação cidadã, isso através do diálogo, da escuta ativa, da compreensão de se fazer parte de um grupo, entendendo-se como um sujeito fundamental no qual suas contribuições deverão ser ouvidas, discutidas e adaptadas para o espaço.

Assim, ao longo desse espaço e processo de interação democrática, se faz a reflexão para com a compreensão de suas ações e estratégias, a fim de saber resolver conflitos ou contribuir com ideias no grupo no dia a dia e reverberando, para outros espaços, sejam eles sociais ou particulares.

Temos, por exemplo, a dissertação de Mantovani (2016), com a temática: *A Assembleia de Classe como prática possibilitadora da vivência democrática: uma experiência com alunos do Ensino Fundamental 2*, a autora apresenta em seu resumo:

[...] Esta pesquisa tem o de objetivo analisar a prática de assembleia de classe no Ensino Fundamental 2 de uma escola da rede particular, bem como a concepção, importância, características, fundamentos e benefícios dessa experiência para a vivência do processo democrático [...]. A pesquisa teve uma abordagem qualitativa e o instrumento utilizado foi a entrevista semiestruturada, onde foi analisada a prática da Assembleia de Classe no Ensino Fundamental 2, em uma escola particular da zona oeste da capital do Estado de São Paulo, sendo explorados os benefícios desta com o intuito de refletir sobre a possibilidade de a Assembleia possibilitar, de fato, uma aproximação entre a escola e a vivência democrática.

Outra redação que chamou a atenção por aproximar-se de nossa temática tem como aporte teórico as concepções de Foucault e o conceito sobre o trabalho com Assembleia para dentro das escolas. Trata-se da dissertação de Picchioni. Ela apresenta a temática “*À sombra do assembleísmo pedagógico: fazeres escolares democráticos e tecnologias do eu*”. A autora discorre em seu resumo:

Por meio de um enfrentamento teórico de inspiração foucaultiana, as práticas escolares entendidas como democrático-participativas são aqui analisadas como mecanismos constituintes de jogos de verdade bastante presentes nos fazeres escolares contemporâneos. Trata-se de tomar as assembleias de classe como fomentadoras de determinadas tecnologias do eu. Consoante à teorização foucaultiana, a noção de eu é aqui reputada como uma construção histórica e social, e as atuais práticas de subjetivação, tendo como lócus a escola e como foco as assembleias de classe, são entendidas como formas de exercício do poder por meio de tecnologias de cunho pastoral. [...] o objetivo principal da pesquisa levada a cabo: colocar em pauta o governo contemporâneo das almas escolares, assim como propor uma reflexão acerca, por um lado, das vicissitudes de uma escola dita democrática, e, por outro, dos limites daquilo que vem sendo denominado democracia escolar. (Picchioni 2010).

Por último, em nossa pesquisa, trazemos a temática “*Assembleia Escolar Estudantil: Espaço para Produção de Diários Reflexivos*” de Roksyvan de Paiva Silva (2020). Trata-se de uma dissertação baseada nas ideias de Freinet, em que a autora apresenta a sua prática como professora, na qual realizou a investigação científica com os participantes que foram seus próprios alunos do sétimo ano, em que os estimulou, por meio do movimento das Assembleias de Estudantes, momentos de diálogos para saber dos problemas e indagar das soluções.

Assim, Silva (2020, p.18) apresenta:

[...] No decorrer da pesquisa, foram realizadas produções escritas de diários concomitantemente à realização de assembleias escolares estudantis. Por se tratar de um gênero flexível e bastante propício a expressões tanto subjetivas como objetivas, com os diários os alunos puderam discorrer sobre as temáticas que lhes interessavam ao mesmo tempo que expressavam julgamentos, sentimentos e opiniões. A tônica do trabalho pedagógico voltou-se para a formação do cidadão. A capacidade de escrever ou, para usar a nomenclatura corrente, a competência da escrita é geralmente vinculada ao universo da cidadania. De fato, em sociedades como a nossa, algumas limitações importantes pesam contra aquele que não a desenvolve. De resto, a cidadania é para muitos a existência humana em sua dimensão mais alta. Em que pesem as perversidades tipicamente brasileiras, a escola pública ainda é o espaço da atividade docente comprometida com o futuro. Em outras instituições, este trabalho não teria sido possível. Por isso, devo muito aos gestores, trabalhadores e alunos da escola onde atuo, que colaboraram voluntária e ativamente nesta pesquisa.

Assim, Silva (2020, p.18), apresenta, partindo da responsabilidade de todos com a democracia em prol da *pólis*. Desta raiz e, obviamente, consoante as devidas necessidades da sociedade contemporânea, o assembleísmo ao adentrar o sistema de ensino público brasileiro passou a desenvolver-se de várias formas e movimentos como, por exemplo, a ação da Assembleia Escolar, Assembleia professor, fórum escolar e outros.

No capítulo dois, discorreremos sobre o trabalho das Assembleias de Classe no dia a dia e como esta ação pode contribuir com a didática do professor no trabalho de ensino e aprendizagem dos alunos. A partir dessa reflexão iniciamos o terceiro capítulo, no qual contextualizaremos e discutiremos o conceito de *epiméleia heautoû* - *O cuidado de si e do outro* sob a concepção de Foucault, e assim sendo dedicada por essa pesquisa ao labor do professor enquanto sujeito em processo de construção da interação com sua turma, refletindo também em como as relações de poder são exercidas durante as aulas e de que maneira o cuidado de si pode ser uma ferramenta aplicada.

1 DA ASSEMBLEIA ATENIENSE À INSTITUIÇÃO ESCOLAR

Ao compor este primeiro capítulo, apresentamos a ideia e a origem sobre o processo de assembleísmo, conforme promovido pelos gregos na Antiguidade e como esse movimento pode contribuir para uma escuta e fala ativa entre os pares em um espaço no qual todos devem compreender e respeitar mutuamente com base na ética. Assim, visamos fazer uma relação de como essa ação de assembleísmo ocorre nas instituições escolares públicas e quais suas intencionalidades dentro desse espaço.

1.1 A Origem da Assembleia Ateniense

Para compreender como a História e o desenvolvimento das sociedades passadas se deram, se faz necessário estudar as análises de eventos a partir da linguagem, dos processos e das relações do ser humano para com outro ser humano e deste para com a sociedade, e desta para com o ser humano. Essas análises ocorrem com base no movimento do curso das ações que transcendem ao longo dos acontecimentos e do tempo. Assim, para entender a estrutura do passado e construir estratégias e ações no presente, é importante o conhecimento e a reflexão sobre tais ações.

Logo, a definição do conceito de História surge através desse movimento e dessa análise do passado, contribuindo para a sociedade atual poder planejar, mapear e definir suas ações e/ou decisões segundo com o que o passado lhe trouxe de elementos. Barros (2006, p. 462) expõe uma definição do que a História apresenta para a sociedade:

As ações e transformações que afetam aquela vida humana que pode ser historicamente considerada dão-se em um espaço que muitas vezes é um espaço geográfico ou político, e que, sobretudo, sempre e necessariamente, constituir-se-á em espaço social.

A partir dessa ideia, observa-se que o espaço social e as ações humanas que aconteceram no passado reverberaram para as próximas gerações, com mudanças na sua forma geográfica, na política e, acima de tudo, no espaço social nas relações com base na ética coletiva e na moralidade para com todos do círculo.

O ponto que aspiramos trazer como reflexão é que o espaço social e seu movimento com o foco no sujeito não têm o mesmo significado, ou seja, na nossa sociedade brasileira, se

comparada com outra, por exemplo, se pensarmos nas diferentes culturas. Estes sujeitos se diferem do passado clássico, tal como em Atenas, conhecida como uma sociedade democrática, com a figura de cidadão. Esse cidadão grego da Antiguidade não é o mesmo representado em nossa sociedade brasileira atual com base na nossa Constituição Federal.

Ao voltarmos à história e ao espaço social da cidade grega ateniense da Antiguidade Clássica, encontraremos como figura principal o legislador grego Sólon, do século VI a.C., que fez uma série de reformas dentro de Atenas. A sua ação impactou na possível participação de seus cidadãos na política por meio da *Eclésia - ekklésia* (assembleia) e da *Bulé* (conselho).

No que concerne às magistraturas, Sólon não operou grandes mudanças e os cargos continuaram a ser ocupados pelos ricos. Posteriormente, em 507 antes de Cristo, com Clístenes, ocorre uma nova reforma em Atenas e na estrutura política.

Assim, ao criar e implementar a *Eclésia* o legislador Solon não possibilitou totalmente a democracia ateniense por manter o voto censitário que se baseava no critério econômico, que excluía os mais pobres da participação política (Menezes, 2010). Pode-se então concluir que não houve mudanças para a classe social menos afortunada.

A partir de um novo legislador, Clístenes, há o fim do voto censitário e todos os homens livres, seja qual fosse sua condição econômica, nascidos em Atenas e de pais atenienses livres, têm seus direitos e deveres para com a *pólis* por meio da *Eclésia*. Dessa maneira, para os cidadãos atenienses, é motivo de honra e orgulho o direito de participar ativamente da vida política da cidade, expressando suas opiniões e votando em questões que impactavam suas vidas e a da *pólis*.

Portanto, para os gregos antigos, a Assembleia representava o fundamento de “democracia” e o auge de um povo – *κόσμος* - e compreendia que dentro de sua estrutura a interação e a troca dos seus membros por meio da participação da ação de assembleísmo construía uma sociedade organizacional e altruísta.

A reflexão sobre as leis e suas aplicações eram discutidas pelos seus membros por meio de reuniões (assembleias). A população que não se encaixava neste requisito de cidadão ateniense (mulheres, crianças, velhos, estrangeiros e escravos) tinha apenas o direito de conhecer as leis e cumpri-las, sob fortes punições com a falta, como exemplifica Chauí (2000, p. 42):

[...] a democracia, sendo direta e não por eleição de representantes, garantia a todos a participação no governo, e os que dele participavam tinham o direito de exprimir, discutir e defender em público suas opiniões sobre as decisões que a cidade deveria tomar. Surgia, assim, a figura política do cidadão.

(Nota: Devemos observar que estavam excluídos da cidadania o que os gregos chamavam de dependentes: mulheres, escravos, crianças e velhos. Também estavam excluídos os estrangeiros).

A organização do movimento da Assembleia ocorria com o princípio da isonomia em que todos os cidadãos são iguais perante as leis, assim, os envolvidos tinham o direito na participação nas decisões durante os debates, que ocorriam abertamente, erguendo seus braços nas votações sobre as pautas tratadas, como explicita Menezes (2010, p. 26):

[...] A Constituição de Atenas, de Aristóteles, fornece-nos exemplos de variadas formas de deliberações das assembleias: decidiam com a mão elevada se os magistrados deveriam (ou não) continuar nos respectivos cargos; deliberavam sobre questões ligadas à defesa do país; faziam a leitura dos bens confiscados pelo Estado, das denúncias de alta traição e do julgamento sobre os direitos de sucessão de uma filha épíclère¹³

Durante o movimento de assembleísmo, além da isonomia, era importante assegurar que os participantes tivessem o mesmo tempo para manifestar-se, tratava-se da isegoria¹⁴; assim, garantia-se o respeito e a escuta por parte de todos os membros com as propostas ou sugestões de seus colegas, para então, refletir se era cabível para a sociedade. Além disso, a democracia ateniense não tinha separação de poderes políticos como as democracias modernas, constituídas pelo legislativo, executivo e judiciário.

Portanto, o fazer político era permitido apenas aos homens nascidos e criados na *pólis* ateniense clássica, e estava claro que a tomada de decisão consistia nos debates e a partir destes, e sem a discussão não haveria democracia para o período. Conforme Menezes (2010, p. 28), quando cita Aristóteles (1964, cap. X, p. 115), a ideia do filósofo sobre a Assembleia era: “deliberamos melhor quando todos deliberam em comum: o povo com os nobres e os nobres com o povo”.

Ao olharmos para nosso processo de democracia atual, fica notória a distinção com a democracia grega da Antiguidade. A democracia ateniense e a democracia moderna são dois sistemas políticos distintos, no entanto, esta última tem origem na primeira. Óbvio que a democracia moderna foi se constituindo de acordo com seu tempo. Embora ambas compartilhem a ideia de participação política dos cidadãos, apresentam diferenças significativas em termos de participação, representatividade e funcionamento.

¹³ A filha que herdou o patrimônio, em caso de ausência de herdeiro do sexo masculino.

¹⁴ Isegoria: o igual direito de todos de falarem de maneira livre e defender seus interesses na sociedade.

Nossa sociedade tem como referência a participação política na forma de representatividade, na qual elegemos pelo voto secreto que alguém represente a população por um tempo determinado nas decisões econômicas, políticas, militares e educacionais.

Na democracia moderna, é fundamental que todos os cidadãos estejam engajados na política e na sociedade civil, participando ativamente do processo democrático e defendendo seus valores. Além disso, é crucial que as instituições democráticas sejam fortalecidas e protegidas, garantindo a transparência, a prestação de contas e o Estado de Direito.

No Brasil, por exemplo, os estrangeiros que residem no país e que legalizaram sua situação perante a justiça, assim como os idosos com mais de 70 anos que realizam sua prova de vida, os jovens acima de 16 anos e claro as mulheres são cidadãos com direitos e deveres a serem cumpridos conforme o Art. 14 da Constituição Federal de 1988 e têm o direito à participação política em seu Município, Estado e União (Brasil, 1988).

No Brasil, o fazer político é representativo, pois, o poder legislativo tem a função de debater as leis e negociar com a sociedade; o poder do Executivo tem as propostas para finalmente votá-las, cabendo ao Legislativo fiscalizar o Executivo e representar vários setores da sociedade; o Judiciário tem o dever de garantir os direitos individuais, coletivos e sociais e resolver conflitos entre cidadãos, entidades e Estado, tendo todos a autonomia administrativa e financeira garantidas pela Constituição Federal.

Ao consultar o dicionário Michaelis (2008, p.257), encontramos como definição para a palavra democracia: “*DE.MO.CRA.CIA* (gr. *demokratía*) sf. 1 Governo do povo. 2 Sistema político baseado no princípio da participação do povo”. Portanto, a democracia é uma ação na qual seus membros discutem e seguem as regras com base na sua formação histórica e na construção de leis que vão se estruturando, promovendo a formação de uma sociedade que através da ética mantém seu equilíbrio social por meio de suas leis, sendo aplicadas a todos os sujeitos sem distinção de qualquer natureza.

No Estado Moderno, o chefe de Estado eleito compreende sua responsabilidade dentro do seu tempo de mandato, seu espaço de trabalho e suas discussões ocorrem de acordo com seu país, a saber: Palácio do Planalto (Brasil), Casa Branca (Estados Unidos), Casa Rosada (Argentina), Palácio Nacional (México), Palácio do Eliseu (França), Pretória (África do Sul), Plaza Independência (Uruguai), Palácio da Assembleia Nacional de Angola, dentre outros países com suas sedes. O que queremos aqui é apresentar que há um espaço característico para realizar a política de estado por representantes da sociedade e com legitimidade de suas leis e aplicações para com o Estado.

Ao refletir sobre às ações do ato de fazer política, seja na Antiguidade Clássica com os gregos atenienses, ou com as ações políticas do estado moderno podemos observar que a Educação está inserida na política e a política faz parte da Educação, mesmo em processos históricos diferentes, não se pode dizer que um não está ligado ao outro, pois somos seres políticos, já afirmava Aristóteles. É por meio da educação e da interação com ideias diferentes que vamos construindo nosso discurso com as questões da sociedade e colocando em pautas para serem debatidas e tomadas providências. Assim, vamos ensinando aos nossos pares a importância da comunicação e da troca para chegar a uma decisão benevolente a todos por meio da escuta ativa.

Desta forma, podemos compreender que a Assembleia grega da Antiguidade Clássica, ao longo da história do Ocidente, possibilitou que a Sociedade Moderna chegasse a um movimento e espaço dialógico. Nessa dialogicidade seus cidadãos podem exercer seu direito à livre expressão e participação ativa na vida política, além de proporcionar um meio para a discussão pública, a troca de ideias e a formação de opiniões com base na ética.

A partir dos estudos sobre a Assembleia ateniense na Antiguidade Clássica e sua relação com seus cidadãos, ainda que fosse apenas com um grupo seletivo em sua participação, esse movimento de pôr em pauta o que precisa ser trabalhado, as decisões, ou as leis discutidas e seguidas por todos da sociedade, foram sendo incorporadas à Educação, mais precisamente, para gerir as relações entre os profissionais da área. Nesta esteira de discussões sobre as transformações necessárias à Educação surge um olhar inovador em relação à Educação Infantil com o pedagogo francês Célestin Freinet em 1924.

O educador Freinet¹⁵ introduz uma nova didática para dentro dos muros escolares baseada na corrente da Escola Nova¹⁶. Após a Primeira Guerra Mundial na qual a França havia passado e perdido, Freinet, volta a trabalhar com a Educação baseado no que acreditava para com a formação das crianças. Ele pontuava que a base para a construção de uma sociedade vinha da interação social a partir das discussões de todos os membros que compõe esse espaço. Assim, compreendia que tal ação se inicia nos muros das escolas sob a interação e participação de todos os membros do espaço (funcionários e alunos).

¹⁵ “Freinet nasceu em 15 de outubro de 1896 na pequena aldeia de Gars. Ele ingressou na Escola Normal de Nice em 1913, mas, ao completar 18 anos e ainda sem ter terminado o curso Normal, foi convocado, em 1915, para ingressar na Escola Militar Especial de Saint-Cyr, para combater no front da Grande Guerra. Depois de um grave ferimento à bala no pulmão, em 1917, durante a ofensiva do Chemin des Dames, ele foi reconhecido como incapacitado de guerra e recebeu a medalha militar (Arena, 2023, p.2)”.

¹⁶ “A Escola Nova ou Progressista, tem como movimento o ensino com princípios na ação, na solidariedade e na cooperação social entre todos. Foi especialmente forte na Europa, na América do Norte. No Brasil, na primeira metade do século XX tendo como principal personagem Fernando de Azevedo no Brasil (Hamze, 2024)”.

Tal movimento da Escola Nova buscou proporcionar uma interação ativa no contexto escolar. É dessa interação que há o envolvimento dos alunos nas tomadas de decisões escolares visando que todos entendam a importância das regras com base no diálogo e nos acordos discutidos e realizados, por todos, sem exceção.

Para Freinet (1995), quando aproximamos as crianças do espaço social, elas podem apropriar-se e validar a concepção de que o espaço transforma as pessoas e de que elas transformam o espaço por meio de ações tomadas de forma clara e consciente. O autor concebe que não é apenas a escola um espaço social, mas é por meio dela que se prepara o sujeito para os demais espaços. Assim, o movimento de assembleísmo foi ganhando força nas escolas, tanto na Educação Pública, como mais tarde no ensino particular.

Porém, a dificuldade de posicionamento ao dialogar com diferentes públicos são pontos a serem destacados no movimento de assembleísmo. Pois, esse movimento pode ocasionar algumas rugas entre grupos, com pessoas de diferentes formações e perfil econômico, porém, essa diversidade não pode ser um mecanismo de desculpas para o cancelamento da ação ou tomada de decisões por um único grupo, ou indivíduo. O educador Araújo relata que:

Pelo diálogo, mediado na Assembleia pelo grupo, as alternativas de solução ou enfrentamento de um problema são compartilhadas e trabalhadas pelo grupo regularmente, durante um longo processo e período (Araújo, 2004, p. 25).

As assembleias contribuem para a criação de espaços de discussão, de resolução de conflito com regras acordadas por todos, e assim, com real significado do entendimento do respeitar o espaço, a concepção e a mudança de ideia por parte do outro. As assembleias contribuem para a promoção do diálogo e da diversidade de pensamento, colaborando para mudanças no espaço que frequentam e nos avanços tecnológicos, científicos e éticos na sociedade para a sociedade.

Hoje, as assembleias são usadas como órgãos representativos para a discussão e votação de leis e políticas, por exemplo, em alguns sistemas parlamentares, a Assembleia Nacional ou o Congresso é responsável por elaborar leis e tomar decisões importantes em nome do povo; nessas circunstâncias, o movimento de assembleísmo serve como um fórum para a representação de interesses diversos e a negociação de compromissos.

Ressaltamos mais uma vez que as assembleias podem corroborar para o fortalecimento da comunidade e na construção de sociedades mais inclusivas e participativas. Elas servir

como espaços para a resolução de problemas locais, valorização da cultura local, a mobilização cívica e a promoção da coesão social. E dentro da Educação brasileira, apresenta-se a Lei de nº 9.394/96, denominada Lei de Diretrizes e Base (LDB), na qual estabelece a transparência e a democracia nas ações e gestão democrática. Para a Educação Básica, o artigo 14 (Brasil,1996) estabelece alguns princípios a serem seguidos que serão apresentados no capítulo seguinte relacionados à gestão democrática nos Sistemas de Ensino.

Assim, podemos destacar que há várias ramificações do movimento de assembleísmo no âmbito escolar e que estes podem contribuir para uma interação social e política com base na ética entre os sujeitos para com o meio. A imagem abaixo exemplifica algumas ramificações do assembleísmo escolar.

Figura SEQ Figura * ARABIC 1- As ramificações do movimento de assembleísmo escolar.



Já para o

ensino superior público a LDB discorre no artigo 56:

Art. 56. As instituições públicas de educação superior obedecerão ao princípio da gestão democrática, assegurada a existência de órgãos colegiados deliberativos, de que participarão os segmentos da comunidade institucional, local e regional.

Parágrafo Único. Em qualquer caso, os professores ocuparão setenta por cento dos assentos em cada órgão colegiado e comissão, inclusive nos que

tratarem da elaboração e modificações estatutárias e regimentais, bem como da escolha de dirigentes (Brasil, 1996).

A partir do desenvolvimento da nova LDB, as Instituições Escolares públicas e de Ensino Superior, em seus espaços físicos, buscaram promover o debate e conseqüentemente a escuta ativa, na tomada de decisões coletivas, com foco em oportunidades para investimentos em diversos campos como da pesquisa, da arte, da literatura, da comunicação. Apesar da temática principal ser Assembleia de Classe no Ensino Fundamental I, trazemos à luz da discussão um pouco sobre o assembleísmo no Ensino Superior, apenas para conhecermos e verificarmos que tal ferramenta também pode ser um importante instrumento neste contexto.

Assim, a partir deste movimento e da promoção ao espaço de fala e escuta ativa, as assembleias tornam as ações no meio acadêmico mais significativas, por esclarecerem suas finalidades e objetividades de trabalho. Araújo (2004), em seus estudos sobre o assembleísmo educacional apresenta alguns modelos e suas finalidades a serem desenvolvidas no grupo seja ele de professor, estudantil ou de comunidade; são elas:

a- Assembleia Instituição Escolar: promovida pela gestão, na qual convida comunidade escolar, pais de alunos, professores, alunos, auxiliares da limpeza, alimentação, parceiros da escola e outros, para reuniões sobre melhorias, regulamentos. Geralmente ocorre trimestralmente e é a figura do gestor que faz a mediação.

b- Assembleia de Classe: ocorre na sala de aula, professor e alunos com assuntos apresentados por um membro ou pelo grupo e podem ocorrer semanalmente.

c- Assembleia Professor: ocorre mensalmente entre todos os funcionários durante as reuniões pedagógicas e os assuntos são estipulados pelo grupo.

d- Fórum Escolar: movimento mais amplo que envolve a participação de várias escolas juntamente com comunidades diferentes para tratar de assuntos referentes à Ética e Cidadania, este movimento ocorre uma vez por semestre ou anualmente.

A seguir, apresentaremos como a concepção de assembleísmo escolar passou a ser implementada na Educação Brasileira no Ensino Básico como ferramenta para a educação democrática e conseqüentemente para o Ensino Superior.

1.2 As Assembleias nas Instituições Escolares: do básico ao Ensino Superior

As Assembleias Escolares não são neutras, por apresentarem uma ideologia política. Somos seres políticos, como já discursava Aristóteles (384-322 a.C.). Desse modo, a

Assembleia Escolar conduz para o fazer político com base na ética, partindo de suas discussões para um consenso entre todos.

Ao discutir o conceito de escola democrática no Brasil, precisamos contextualizar que essa ação ocorre a partir de 1996, após a implementação da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 9.394/96 (Brasil, 1996). Após essa data, é estabelecido e regulamentado o ensino básico brasileiro, que passa a compreender desde a Educação Infantil até o Ensino Médio.

A LDB, em seu artigo 14, Lei estabelece que os Estados e Municípios devem garantir as normas específicas para implementar a gestão democrática nas escolas públicas, em que recomenda como princípio dessas normas a participação plena dos profissionais, comunidades e do conselho escolar na sua elaboração:

Art. 14. Os sistemas de ensino definirão as normas da gestão democrática do ensino público na educação básica, de acordo com as suas peculiaridades e conforme os seguintes princípios:

I – Participação dos profissionais da educação na elaboração do projeto pedagógico da escola;

II – Participação das comunidades escolar e local em conselhos escolares ou equivalentes (Brasil, 1996, p. 14).

A gestão democrática e participativa valoriza a interação e o envolvimento de toda comunidade escolar na tomada de decisões, por meio do diálogo e do consenso, para uma construção coletiva dos objetivos e do funcionamento da escola. Entende-se que toda escola visa atingir suas metas planejadas, sendo a gestão uma atividade coletiva com ideias comuns e compartilhadas pelos agentes do processo. Portanto, a gestão democrática vai além do processo de tomadas de decisões; ela identifica os problemas e os acompanha e supervisiona as ações com a participação de todos.

O gestor ou, em muitos lugares, o diretor, antes era a figura que comandava tudo sozinho. A partir da LDB, com a gestão democrática, passou-se a requalificar e refletir sobre o papel do gestor na Instituição Escolar, bem como no apoio com e entre seus pares.

Destarte, as Assembleias nas instituições escolares públicas passaram a ser um mecanismo importante das participações e das tomadas de decisões democráticas na Instituição Escolar, reverberando na organização da escola, na formação dos professores, no ensino e na aprendizagem dos estudantes, além da manutenção e preservação do espaço físico.

Araújo (2002, p. 65) determina que um fato

[...] fundamental nesse sentido é [a] democratização das relações interpessoais. Uma forma de operacionalizar espaço para a participação

efetiva de alunos e professores nesse processo de democratização das relações e na construção das regras são as assembleias na escola.

As Assembleias Escolares podem contribuir para que todos que atuam no espaço escolar (profissionais e/ou comunidade) sejam atores na promoção da organização e alteridade com base na interação, no debate e no diálogo democrático e conciso no ambiente escolar.

Compreendemos ser na escola que o sujeito inicia toda a sua formação intelectual, social e acadêmica com base nas interações, nos debates, nas escutas e reflexões colocadas em pautas e nas experiências das ações, para exercer a cidadania.

A democratização do ensino permite a reflexão, a humanização e a formação de espaço ético baseado no diálogo, na alteridade entre todos os envolvidos como cita Araújo (2002, p.75):

A responsabilidade da Assembleia de escola é regular e regulamentar as relações interpessoais e a convivência nos espaços coletivos. Contando com a participação de representantes de todos os segmentos da comunidade escolar, busca discutir assuntos relativos a horários (chegada, saída, recreio), espaço físico (limpeza, organização), alimentação e relações interpessoais. Os representantes dos diversos segmentos (por exemplo, dois estudantes de cada classe, quatro professor e quatro funcionários) são escolhidos obedecendo a uma sistemática de rodízio de forma que no transcorrer do tempo todos os membros possam experimentar a participação no processo de tomada de decisões coletiva.

A participação em assembleias escolares pode resultar em diversos benefícios para os seus membros. No caso dos estudantes, nas assembleias de classe, podem desenvolver a capacidade e habilidade de se expressarem, argumentarem juntamente com a escuta ativa, além de serem estimulados ao senso de responsabilidade e da ética, fundamental para a coletividade e a sociedade. Já para seus professores, tal participação, como prática educativa discursiva nas relações com seus estudantes durante o momento de ensino, por exemplo, pode fortalecer as relações. Esse movimento, contribui para o individualismo ser deixado de lado e promove a integração com o todo. A relação de “mestre e discípulo” sinaliza o fortalecer do diálogo e da comunicação ativa, pois o individualismo na sala não colabora e não contribui para nenhum desenvolvimento, como ressalva Foucault (1985, p. 48) “o individualismo é fraco e as relações de si para consigo não são desenvolvidas”.

A temática assembleia não é uma ação exclusiva da Educação Básica, ela pode e deve ser empregada no Ensino Superior, seja ele público ou privado. Nesse movimento a

participação dos estudantes universitários, no *campus* e além dos muros universitários se faz necessário para debates e conferências para promoção do ensino de qualidade da União.

E ainda, no contexto universitário, a Assembleia é um órgão colegiado composto por representantes de diferentes segmentos da comunidade acadêmica, como professores, estudantes, técnicos administrativos e gestores. A participação e o envolvimento na Assembleia é um direito e um dever de todos os membros da comunidade acadêmica, contribuindo para a construção de uma gestão democrática e transparente. Nesse sentido, a Assembleia no Ensino Superior é um espaço privilegiado também para a discussão e deliberação de questões relevantes para a instituição, tais como políticas acadêmicas, administrativas, financeiras e de infraestrutura.

Outrossim, a importância da Assembleia no Ensino Superior está relacionada à sua capacidade de promover a integração e o debate entre os diferentes atores que compõem a comunidade universitária. Através do diálogo e da construção coletiva de propostas, por meio da ação da Assembleia, possibilita-se articular interesses e a buscar por consensos, contribuindo para a promoção do interesse de todos e o fortalecimento da instituição.

Além disso, a Assembleia desempenha um papel significativo na defesa da autonomia universitária e na resistência a eventuais interferências externas que comprometam a liberdade acadêmica e a pluralidade de ideias no ambiente universitário, especialmente na esfera pública. Nesse sentido, a Assembleia se constitui como um espaço de resistência e de defesa dos princípios democráticos que permeiam a Educação Superior.

No entanto, é importante ressaltar que a efetividade da Assembleia, nesse nível de ensino, está condicionada à valorização da participação e do engajamento de todos os seus membros. A plena divulgação hoje por intermédio das redes sociais, por exemplo, pode ser um mecanismo a favor para tal ação, e ainda, estímulo do colegiado para que seus estudantes despertem para o envolvimento e para a participação nas reuniões, bem como a garantia de condições adequadas para o funcionamento democrático e transparente do órgão. Para tanto, é fundamental que assegurar recursos e mecanismos que viabilizem a ampla participação e representatividade na Assembleia, de modo a fortalecer a democracia e a legitimidade das decisões tomadas e a divulgação para plena consciência de todos no *campus*.

Em síntese, a Assembleia no Ensino Superior desempenharia um papel central na promoção da participação, do diálogo e da tomada de decisão compartilhada, contribuindo para a construção de uma gestão democrática e plural na instituição.

Ao realizar uma pesquisa referente à Assembleia Escolar na Educação no ensino superior, com o apoio do Google Acadêmico¹⁷, quase não encontramos trabalhos sobre tal tema. Ferraro (2011, p. 128) é um dos poucos que se aproxima do tema sobre assembleísmo para o meio acadêmico e ele cita Leher (2007, p.98) sobre o movimento estudantil como:

[...] não somente no Brasil [O] movimento estudantil ganhou visibilidade na última década, e a longa greve dos estudantes da UNAM, em 1999, foi a primeira. Anos depois, a luta dos estudantes secundaristas chilenos, conhecida como Revolta dos Pinguins; em 2006, a insurreição da juventude francesa; em 2005 e 2006, a Comuna de Oaxaca, no México; em 2006, as mobilizações populares contra a fraude eleitoral no México (Leher, 2007, p. 98).

Deste modo, é fundamental que cada vez mais as Universidades, sejam públicas, ou privadas, incentivem seus estudantes e parceiros a realizarem movimentos de assembleias para haver o fortalecimento das práticas de participação e deliberação, de modo a promover a construção coletiva de uma educação mais inclusiva, democrática e comprometida com o interesse público.

Promover a ação de Assembleia na Educação fortalece no estudante o conceito de ética nas relações sociais, sejam elas do micro para o macro, o respeito para com a diversidade, a importância da escuta ativa e a reflexão das ideias, para após os debates, chegar a um consenso lógico e de acordo para com todos os envolvidos.

Gostaríamos de ressaltar um ponto importante sobre a Assembleia institucional: este movimento é dedicado para assuntos de competências dos grupos, quanto à organização das ações, com pautas a serem discutidas na instituição, os princípios de relações interpessoais, os objetivos e as metas a alcançar no ano letivo e/ou semestre. Não compete aos estudantes, por exemplo, no movimento de Assembleia, o pedido de afastamento ou mudanças em estruturas que fogem da alçada do grupo, seja uma Assembleia de educação básica ou superior.

Assim, acreditamos que para debater entre seus pares ou em diferentes grupos, é preciso que na base da formação desde a Educação Infantil, perpassando o Ensino Fundamental nos segmentos I e II, se tenha um trabalho sistemático e coeso com as Assembleias Escolares. Para o estudante ter essa compreensão sobre suas ações no grupo, cabe, portanto, ao educador ter a consciência do ato de ensinar, conforme Freire (2004, p. 122): “ensinar exige reconhecer que a educação é ideológica”.

¹⁷ Vale ressaltar aqui que ainda há poucas pesquisas sobre a temática Assembleia na educação, e no movimento superior há muito que se discutir.

Tendo então, até aqui, discorrido sobre o movimento de Assembleia no Ensino Superior e suas metodologias, no próximo tópico, focaremos na Assembleia Escolar do Ensino Básico, para entendermos o papel do estudante no sentido de compreender, saber, manifestar-se, agir e ter a escuta ativa, sobre sua ação como cidadão na escola e na sociedade com a mediação dos professores.

1.3 As Assembleias nas Instituições Escolares de Ensino Básico.

A Assembleia Escolar é uma metodologia importante para a gestão democrática e participativa das escolas públicas e privadas. O movimento de Assembleia pode promover a integração e o envolvimento de toda a comunidade escolar nas decisões e ações que afetam o ambiente educativo.

Araújo (2002, p. 73) ressalta que um ambiente escolar ditador tende a desmotivar a equipe no trabalho pedagógico, podendo gerar a rotatividade de professor na Unidade Escolar:

Uma escola em que todas as decisões sejam centralizadas nas mãos de uma pessoa ou de um pequeno grupo, em que as regras de convivência e o projeto pedagógico já se encontrem predeterminados a partir dos valores e crenças de algumas pessoas não permite o diálogo e a reorganização constante dos tempos e espaços escolares com base na busca coletiva de novos e melhores caminhos para desafios cotidianos. Não será fácil professores e professoras que vivem em ambientes autoritários, baseados em relações de heteronomia e de respeito unilateral, trabalharem a construção de valores relativos à autonomia e à democracia com seus alunos e alunas.

Logo, num ambiente escolar autoritário há disciplina, porém, isso não significa haver a garantia da aprendizagem reflexiva e significativa pela possibilidade de não haver trocas entre os estudantes com o que se aprende. Em outras palavras, o autoritarismo pode não gerar relações de afetividade e reciprocidade entre o ensino e a aprendizagem, pois essas emoções nem sempre estão sinalizadas em tal espaço, assim, o autoritarismo pode anular tais condições para o desenvolvimento de trocas de ideias e construção de linhas de pensamentos que possam corroborar para com a formação da turma dentro e fora dos muros escolares.

Com efeito, da Assembleia Escolar, os estudantes, os professores, os funcionários e os pais têm a oportunidade de discutir e deliberar sobre temas relevantes para o bom funcionamento da escola, tais como: a criação de normas internas, a organização de eventos e atividades, a destinação de recursos, e a definição de metas e objetivos que contribuam para a qualidade do ensino. Araújo (2002, p. 74) defende que:

Com isso, atinge-se a dupla finalidade de promover a participação das pessoas nos espaços de tomada de decisão e de democratizar a convivência coletiva e as relações interpessoais. Uma escola que consegue promover a participação de toda a comunidade nos processos decisórios, por meio dos diversos tipos de Assembleia que aqui discutimos, seguramente caminha para sua democratização efetiva e para a implementação da democracia participativa. Penso que a implementação de tais procedimentos promoverá a mudança nas relações de poder e a consequente construção da cidadania.

Portanto, a participação dos estudantes nas assembleias escolares pode colaborar para o desenvolvimento da consciência cidadã, a formação do espírito crítico e o exercício da autonomia e responsabilidade. Ao terem a oportunidade de expressar suas opiniões, defender seus interesses e contribuírem para a tomada de decisões, os estudantes se tornam sujeitos ativos do processo educativo, aprendendo na prática os princípios da democracia e da cidadania. E tudo isso acontece também a partir da possibilidade criada pelo professor nas suas aulas, nos momentos específicos de estudos, por exemplo: uma explicação sobre um tema no qual o aluno se expressa para com o meio, seguramente e sem o julgamento de todos com relação à sua fala.

Além disso, a Assembleia Escolar possibilita a promoção da transparência e a comunicação aberta entre todos os membros da comunidade educativa, fomentando um clima de confiança e colaboração. Por meio do diálogo e da escuta ativa, é possível identificar e resolver conflitos, encontrar soluções criativas para os desafios enfrentados na escola, além de fortalecer o sentimento de pertencimento e identificação com a instituição.

Por fim, a Assembleia Escolar é uma oportunidade para consolidar a cultura democrática e participativa da escola, estimulando a cooperação e a construção coletiva de conhecimentos e práticas. Além de se apresentar como uma ferramenta metodológica essencial para a promoção de uma educação de qualidade, capaz de formar cidadãos autônomos, críticos e comprometidos com a construção de uma sociedade com mais equidade. Ao vivenciar e experienciar essa democracia na escola, os estudantes internalizam os valores e as atitudes necessárias para a construção dessa sociedade que também seja inclusiva, na qual todos estejam envolvidos, relacionando-se de forma ativa e responsiva.

Importante frisar que é fundamental que os gestores escolares, juntamente com toda a comunidade educativa, estimulem e valorizem a realização das Assembleias Escolares, garantindo sua efetiva participação e contribuição para o fortalecimento da democracia na escola.

Para os pais, as Assembleias Escolares representam uma oportunidade de participação ativa na vida escolar de seus filhos, contribuindo para a formação de uma comunidade escolar participativa e engajada, possibilitando que a família possa, de alguma forma, compreender os caminhos e as ações pedagógicas da escola com relação à aprendizagem de seus filhos, acompanhando o seu desenvolvimento intelectual, físico, ético, moral; além de se sentirem respeitados e pertencentes à escola no tempo em que os filhos são assistidos pela instituição escolar.

Já para os professores e funcionários, a Assembleia Escolar, permite que se compartilhe preocupações, sugestões e propostas para a melhoria das práticas educativas e das condições de trabalho. Além disso, as Assembleias Escolares são fundamentais para a construção coletiva de normas e regras de convivência, fortalecendo o senso de pertencimento e a identidade da equipe. A partir do diálogo e da participação ativa, é possível estabelecer acordos e tomar decisões que reflitam as necessidades e os interesses de todos os envolvidos, promovendo um ambiente mais democrático e inclusivo.

Portanto, é importante ressaltar que a efetividade das Assembleias Escolares depende da garantia da participação de todos os membros da comunidade escolar, da existência de espaços e momentos adequados para o debate, da disponibilização de informações transparentes e da criação de mecanismos para a efetivação das decisões tomadas. Além disso, é necessário haver um esforço contínuo de sensibilização e formação dos participantes, de modo a fortalecer a cultura participativa e democrática nas instituições escolares.

Em resumo, as assembleias nas instituições escolares representam um importante instrumento de participação e de construção coletiva, promovendo a democracia, o diálogo e a inclusão na comunidade escolar. Ao estimular a participação ativa de estudantes, pais, professores e funcionários, as Assembleias podem contribuir para a gestão democrática das escolas e para a formação de cidadãos críticos e engajados.

Araújo (2002, p. 65), citando Puig, ressalta que se trata de “[...] o momento institucional da palavra e do diálogo, o momento em que o coletivo se reúne para refletir, para tomar consciência de si para transformar tudo o que seus membros consideram oportuno”.

Já quanto a periodicidade a Assembleia é algo que deve ser levado com rigor, não podendo ser adiada, deixada de lado e/ou pensada como um trabalho imposto pela gestão ou nível hierárquico superior (Secretaria), pois, ela deve ser vista como uma ferramenta pedagógica com inúmeras possibilidades no âmbito educacional.

Araújo (2004, p.74) acrescenta também sobre a questão espacial para o seu funcionamento:

Uma regra inerente a qualquer tipo de Assembleia é que as pessoas devem poder “ver” e “ouvir” umas às outras enquanto dialogam: não devemos pensar jamais em organizar uma Assembleia em que as pessoas dialogam olhando para nuca de seus colegas. Por isso, o primeiro ponto a se considerar no funcionamento de uma Assembleia é a disposição física dos lugares na sala, que devem ser organizados em círculo ou semicírculo, de modo a permitir que todos possam conversar frente a frente.

Com a comunidade estende-se a questão sobre o sentir, o fazer parte, ser útil ao espaço institucional, e com isso, poder agregar ideias ou apoio sempre na compreensão do que lhe compete. O diálogo se faz necessário, porém, ainda não compreendemos que não basta só o falar, mas o ouvir, o pensar ou repensar, o pensar junto, o pensar coletivo e o transformar o meio.

Esse movimento do assembleísmo se desdobra em diferentes oportunidades nas instituições e pode abranger toda a comunidade docente e discente, como exemplo, a Assembleia Professor, assunto que destacamos a seguir.

1.3.1 Assembleia Docente

As Assembleias Docentes podem ser importantes mecanismos pedagógicos na construção e no trabalho de uma gestão democrática. Mas, a equipe gestora necessita compreender que o caminhar do sucesso, tanto na parte administrativa quanto na pedagógica da escola, se faz entre a parceria e a confiança no trabalho de seus pares, juntamente com a promoção da formação e no tempo de investimento dedicado a toda a equipe.

Nos estudos sobre a temática Assembleia Professor no ensino público¹⁸ e no auxílio na construção das ações coletivas, faz-se necessário que tenhamos um olhar atencioso para com os nossos professores. E é fundamental a oferta da formação sobre a temática.

Os professores não podem envolver-se em tais ações em suas aulas sem conhecer, sem ter formação ou apoio da coordenação para atuar dentro ou fora da sala de aula com seus estudantes. As chances de práticas exitosas podem ser consideradas mínimas ou sem resultados, culminando em desgaste físico e emocional no ambiente de trabalho.

Em um ambiente de comunicação clara e objetiva, com apoio e estudo contínuo na formação da equipe, o trabalho apresenta práticas exitosas em que se pode observar colegas

¹⁸ Não se faz menção neste trabalho sobre as Assembleias nas instituições particulares, devido às suas especificidades quanto à regulamentação e aos regimentos, que são distintos das instituições públicas, o que exigiria outro enfoque.

auxiliando seus pares ou até de outros segmentos na escola, a saber a educação infantil, anos iniciais e anos finais, com naturalidade e sem rivalidade, por compreenderem o papel de cada um na instituição escolar com a corresponsabilidade e possível replicabilidade, conforme defendido por Freire (2018, p.116):

Para o educador-educando, dialógico, problematizador o conteúdo programático da educação não é uma doação ou uma imposição, um conjunto de informes a ser depositado nos educandos, mas, a devolução organizada, sistematizada e acrescentada ao povo, daqueles elementos que este lhe entregou de forma desestruturada.

Portanto, toda ação a ser realizada na instituição escolar deve ser antes apresentada ao grupo para ser estudada. O professor também precisa buscar renovar seus conceitos, trocar entre seus pares, debater, trabalhar a escuta ativa, para que a ação da Assembleia possibilite tal movimento de colaboração. É preciso que a gestão tenha este foco, pois a Assembleia Professor é um movimento que requer disciplina, rigorosidade, periodicidade, além dos registros do que é acordado, a compreensão do espaço de cada um, o tempo, a isonomia e a isegoria.

Assim, a Assembleia Docente torna-se uma importante instância de deliberação e decisão no âmbito das instituições de ensino democrático. Ela pode colaborar com as questões de relacionamento e/ou organização de eventos a serem decididos para trabalhar ao longo do ano letivo, contribuir com as questões administrativas e pedagógicas, que afetam o andamento do espaço, escolar conforme Araújo (2004, p. 34):

A responsabilidade da "assembleia professor" é "regular & "regulamentar temáticas" relacionadas com o convívio entre professor e entre estes e a direção, com o projeto político-pedagógico da instituição e com conteúdo que envolvam a vida funcional e a administrativa da escola. Dela participam todo o corpo professor, a direção da escola e, quando possível, algum representante das Secretarias de Educação ou da mantenedora.

A Assembleia Docente no Ensino Superior é um espaço de discussão e reflexão sobre os rumos da instituição, onde os professor e pesquisadores têm a oportunidade de se manifestarem, apresentarem propostas, debaterem questões relevantes e tomarem decisões que afetam a vida acadêmica e institucional, por meio das pesquisas e do currículo.

Além disso, a Assembleia Docente, neste segmento, tem como responsabilidade a tomada das decisões importantes no que diz respeito à política acadêmica, a gestão administrativa e a representação institucional, influenciando diretamente na qualidade do ensino, da pesquisa, na extensão, com o *stricto sensu* e na formação dos estudantes.

Durante as Assembleias Docentes, ressaltamos mais uma vez a necessidade do registro de suas atas, a fim de servirem para consultas do próprio colegiado (pesquisas futuras), além de exercer um papel de transparência nas ações e nas relações interpessoais.

As releituras das últimas atas devem ocorrer, preferencialmente, antes de iniciar as novas reuniões. Pois, torna-se interessante para a reflexão ou para levantar pontos relevantes que não haviam sido discutidos ou que precisam ser pontuados, ou simplesmente lembrar o que foi acordado anteriormente. Isso se refere a qualquer movimento de assembleísmo.

Em ambos os ensinos (básico ou superior), a Assembleia Docente também é um espaço de resistência e de luta em defesa da autonomia escolar e acadêmica, da valorização do trabalho docente, da democracia e da pluralidade de ideias pelo funcionalismo, órgão ou Instituição no qual se trabalha. Em tempos de ataques e ameaças a educação pública e a liberdade acadêmica, a Assembleia Docente se torna um importante instrumento de mobilização e de articulação política, podendo promover a defesa dos interesses coletivos dos professores, pesquisadores e estudantes, e de contribuir para a construção de um sistema de ensino, em qualquer etapa, mais inclusivo, democrático e comprometido com o ensinar-aprender e com a produção do conhecimento e o desenvolvimento social.

Nesse sentido, é fundamental que a Assembleia Docente seja valorizada por todos que estão e/ou participam dessa educação, além de ser fortalecida e democratizada, para poder cumprir plenamente o seu papel de promoção da democracia e da excelência acadêmica nas instituições nas quais atuam.

Para compreender sobre as diferentes esferas de assembleísmo na Educação no próximo tópico discorreremos sobre o movimento de Fórum Escolar, o qual é uma ação ampla na escola, envolvendo todo o entorno da escola e inclui o comércio, vizinhança, além das famílias dos estudantes e equipe de profissionais da Instituição.

1.3.2 Fórum Escolar

Outra dinâmica e exemplo de Assembleia que podemos citar é o Fórum Escolar. Este Fórum tem um efeito amplo na escola e pode contribuir com a construção das ações do Projeto Político Pedagógico (PPP).

Ele representa um espaço democrático de debate e deliberação que permite a expressão de ideias, opiniões e propostas para questões referentes à cidadania e melhoria do ambiente escolar e em seu entorno, com assuntos pertinentes a serem discutidos.

O Fórum Escolar pode ser desenvolvido em duas práticas distintas. A primeira é promovida pela ação da escola por intermédio da gestão, que se realiza com um convite aos pais, estudantes, a toda a equipe escolar, vizinhança, comerciante, vereadores, representantes da saúde, Polícia Militar e a Municipal (se houver) em dia e horário de contraturno das aulas.

A intencionalidade deste Fórum é de promover a participação ativa de todos na mobilização para um debate que envolva a escuta ativa, a troca de experiências, o respeito à cidadania e à cultura.

É interessante que com o este Fórum o gestor além da função de mediador e organizador da ação consegue ter elementos para compor o PPP, desta forma com a participação ampla de uma rede social do entorno da escola, é possível demonstrar aos estudantes a importância do envolvimento da comunidade, bem como, o respeito com a escola e com o bairro.

O Fórum Escolar promovido pela gestão necessita de atenção quanto à organização e aos preparos para receber seus participantes.

Deve-se estabelecer sempre uma data que não intervenha no cronograma e currículo escolar, preferencialmente de segunda a sexta-feira no período noturno ou um final de semana, com duas horas no máximo de reunião e uma vez por semestre. Este dia é de suma importância, não deve haver falha para que não se perca o objetivo do movimento.

Segundo Araújo (2015, p.59), “os fóruns têm como papel essencial articular os diversos segmentos da comunidade escolar que se disponha a atuar no desenvolvimento de ações mobilizadoras em torno das temáticas de cidadania no convívio da instituição de ensino”.

Desta maneira, compreende-se a importância do Fórum Escolar, pelo fato de que estimula a inclusão social, a diversidade de opiniões e a coletividade, elementos fundamentais para o entendimento das ações com base na ética. Por meio do fórum escolar, os sujeitos envolvidos têm a oportunidade de exercer a sua cidadania, aprender a ouvir o outro e a construir consensos, habilidades cruciais para a vida em sociedade.

O segundo Fórum Escolar é um mais amplo. Trata-se do fórum estudantil no qual se reúnem diversos estudantes, professores, gestores que realizam discussões acerca de temas transversais em prol da ética. Este fórum elege um representante que irá participar nas conferências regionais. Este tipo de fórum é anual.

Além disso, o Fórum Escolar contribui para o desenvolvimento da autonomia e senso crítico dos estudantes, pois lhes oferece a oportunidade de debater temas relevantes para a comunidade escolar. Esse espaço também favorece a construção de um ambiente mais

harmonioso e participativo, no qual todos se sentem parte integrante e responsável pelo bom funcionamento da escola.

Por meio do Fórum Escolar, os estudantes têm a possibilidade de influenciar diretamente as decisões e as práticas da escola, exercendo o protagonismo e empoderamento. Isso fortalece a identificação dos estudantes com a instituição de ensino, promove a cooperação e estimula a busca por soluções e melhorias.

Portanto, o Fórum Escolar pode ser uma ferramenta colaborativa para a formação cidadã dos estudantes, proporcionando uma experiência de participação democrática, respeito às diferenças e promoção da convivência harmoniosa. Com auxílio desse espaço de discussão, a escola se fortalece como um ambiente de aprendizado não apenas acadêmico, mas também social e político, preparando os estudantes para serem cidadãos ativos e conscientes do seu papel na sociedade.

Assim, podemos concluir que até o momento as formas de assembleias apresentadas e seus procedimentos podem corroborar para a conscientização da coletividade por parte da ética e da coletividade, democratizar as convivências nas relações interpessoais, fortalecendo e favorecendo o debate e a escuta ativa.

O próximo capítulo trará a Assembleia Escolar e o papel do educador como mediador desta ação dentro e fora da sala de aula com seus estudantes.

2 AS ASSEMBLEIAS DE CLASSE NO DIA A DIA

“Como professor preciso me mover com clareza na minha prática”
Freire, Paulo (2004, p.67).

Trabalhar com a Assembleia de Classe pode ser uma ferramenta de benefício didático ao educador por promover e contribuir para as relações assertivas dentro e fora do chão da sala de aula.

O trabalho com Assembleia de Classe pode cooperar com a formação protagonista da turma, ocasião na qual os estudantes terão a oportunidade de praticar a argumentação, a escuta atenciosa e reflexiva sobre o que explanado no grupo.

Argumentar seguramente sobre as felicitações, as sugestões e/ou até os assuntos que os incomodam no grupo de forma respeitosa e dialógica apoia a construção da ética e da moralidade coletiva e individual, além de colaborar com os princípios democráticos que estão dentro de nossa Constituição Federal (1988), como o voto e deliberação, esta vivência proporciona a alteridade com as tomadas de decisões no espaço democrático.

Para o desenvolvimento da Assembleia de Classe, é necessário que o educador tenha consciência da importância deste trabalho, estude e planeje suas ações para ocorrer uma prática exitosa com sua turma. Vale pontuar que a periodicidade das Assembleias de Classes precisa ocorrer sistematicamente no calendário escolar, e de preferência, semanalmente.

2.1 Assembleia de Classe

No final do primeiro capítulo descrevemos as diferentes formas de realizar a ação de Assembleia como prática pedagógica para o ensino público na Educação Básica. Assim, este movimento de assembleísmo conhecido como uma ação possível de se realizar no meio Educacional, pode também acontecer em outros momentos.

Porém, a ação da Assembleia de Classe não é um movimento muito popular entre as Instituições Escolares Públicas. Sua aplicação ocorre em menor escala do que a Assembleia Escolar (Puig, 2000).

Neste capítulo, ilustraremos o que é a ação da Assembleia de Classe e como pode corroborar com o trabalho do professor na de aula.

A sistematização do conceito de Assembleia de Classe surgiu com Célèstin Freinet (1896-1966) pedagogo francês, que acreditava na educação participativa, respeitosa,

cooperativa para o crescimento da coletividade. A implementação desta modalidade de assembleia no Brasil passou a ocorrer no final na metade da década de 90.

A Assembleia de Classe pode ser uma possível ferramenta pedagógica na ação de contato micro, ou seja, entre professor e estudantes na atenção da atuação planejada para a promoção do vínculo e nas relações com base na comunicação e interação no espaço educativo que é a sala de aula.

O professor dentro das suas atribuições e responsabilidades com suas ações e como formador consegue desenvolver e garantir um ambiente ético com a contribuição da Assembleia de Classe, nas quais os estudantes vão compreendendo no processo de aprendizagem as concepções da ética e da moralidade, com o exercício do diálogo e o respeito as ideias dos colegas.

Puig (2000), destaca que a Instituição Escolar não deve apenas se preocupar com a educação intelectual, mas também com a formação moral, pois ambas são inseparáveis para a formação do sujeito ao longo do processo de vivência.

A Assembleia de Classe, enquanto forma de interação argumentativa, pode se metamorfosear em uma prática de ensino que possibilite aos estudantes vivenciarem de fato o processo de discussão e elaboração das normas/regras de convívio em sala de aula, negociar pontos de decisões em coletivo nos quais todos precisam cumprir.

Portanto, na Assembleia de Classe, a figura do professor não é centralizadora e sim a mediadora, sendo que, além de sujeito participante da ação compreende - se que está a favor da autonomia dos estudantes no gerenciamento das relações do saber-poder¹⁹ entre professor e estudante. E toda essa ideia vem ao encontro com o que Araújo (2004) diz sobre a Assembleia de Classe ser um espaço para o diálogo acerca de conflitos que norteiam a vivência em ambiente escolar e o cultivo do espírito democrático entre os estudantes, por suspender o regime de ditadura escolar e enriquece a tomada coletiva de decisões.

Assim, aponta Puig (2000), sobre a Assembleia de Classe e a sua importância em operacionalizar o espaço democrático do assembleísmo na Escola e na sala de aula como reafirma Araújo (2002, p.65), “É um momento organizado para que estudantes e alunos, professor e professoras falem de tudo que lhes pareça pertinente convivência escolar”.

Este exercício do ato democrático pode promover e estimular o aprendizado da escuta ativa e do respeito às diferentes opiniões, além de possibilitar durante as propostas de ensino e

¹⁹ Conceito complexo discutido por Foucault e que diz respeito às relações de forças concretas sempre presentes na realidade social. (Foucault, Michel. *Microfísica do poder* Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979).

das atividades a comunicação mais inclusiva entre professor e os estudantes no dia a dia, reverberando na boa convivência dentro e fora da sala de aula,

Ulisses Araújo (2002, p.67), destaca sobre a Assembleia de Classe:

[...] o espaço das assembleias de classe permite experiências conceituais concretas e práticas de democracia na escola, que poderão levar todos os membros da comunidade a vivenciarem um ambiente democrático e respeitoso, contribuindo para a educação e para a cidadania. Sua implementação solicita a transformação das relações interpessoais, ao mesmo tempo em que intervêm na construção psicológica e moral de seus agentes, atuando na multidimensionalidade constituinte dos sujeitos que frequentam esse espaço.

Logo, a Assembleia de Classe pode regular as ações entre os estudantes da própria turma para com toda a Comunidade Escolar. E é por meio da mediação professor, que as ações planejadas dentro do assembleísmo podem corroborar com as questões da afetividade e contribuir para a integração entre elementos cognitivos, éticos e estéticos favorecendo o ensino e conseqüentemente a aprendizagem.

Para ocorrer o bom desenvolvimento da ação de Assembleia de Classe há necessidade de que o professor compreenda seu processo por meio de estudos e formação contínua, que tenha o apoio de seus superiores (equipe gestora e pedagógica) para o bom desenvolvimento das práticas na sala de aula. Como cita Freire (2004, p.67) “Como professor preciso me mover com clareza na minha prática”.

É importante que o professor tenha a clareza de sua atuação dentro e fora da sala, o cumprimento das normas, a abertura ao diálogo e a escuta ativa, por ser o exemplo não apenas para os seus estudantes, mas, para toda comunidade Escolar. Portanto, suas ações podem possibilitar a reflexão e o significados para o outro por meio de exemplos e postura, sendo assim, copiado como boa prática sobre o que se faz e como contribui para o meio no qual faz parte.

Assim, a atuação do professor nas reuniões pedagógicas com seus pares pode contribuir para seu processo de formação contínua, por atitudes e valores que poderão ser replicados no envolvimento com a Assembleia de Classe. Logo, possibilitando um diálogo claro com seus estudantes e o colaborando para o desenvolvimento da capacidade de expressão e de argumentação deles ao ter a oportunidade de expor suas opiniões e colocar em debate assuntos pertinentes à vida escolar conforme lhes é ofertado o espaço da fala.

A Assembleia de Classe é um espaço para elogios, sugestões ou posicionamento das críticas, além de tomada de decisões conjuntas, contribuindo para o desenvolvimento da capacidade de negociação e a busca de consenso entre professores e estudantes, não apenas em caráter de resolução de conflitos como se faz pensar em muitas escolas.

Assim como os professores, a participação ativa dos estudantes na gestão de sua própria turma pode promover o sentimento de pertencimento e responsabilidade, criando um ambiente escolar mais colaborativo na gestão participativa, com um ambiente mais inclusivo.

Logo, podemos destacar que a Assembleia de Classe pode ser entendida como uma ferramenta pedagógica que permite aos estudantes participarem ativamente não só do planejamento de atividades, mas também da resolução de problemas de convivência entre si no ambiente escolar.

Outro aspecto importante que a Assembleia de Classe possibilita é o estímulo ao engajamento cívico e social dos estudantes. Ao participar ativamente da vida escolar os estudantes têm a oportunidade de vivenciar na prática os princípios democráticos e exercitar o papel de cidadão ativo e responsável. Esse engajamento pode se refletir em uma maior consciência social e participação em questões coletivas, contribuindo para uma formação cidadã mais completa.

Ademais, a Assembleia de Classe pode ser uma ferramenta eficaz para o fortalecimento do diálogo entre estudantes e professor, favorecendo a construção de uma relação mais horizontal e colaborativa. A possibilidade de os estudantes se manifestarem e participarem ativamente das decisões escolares pode contribuir para a melhoria do ambiente de aprendizagem e a construção de uma relação mais empática e respeitosa entre todos os membros da comunidade escolar.

Para isto, é essencial que as Escolas primeiro conheçam, estudem, registrem e construam junto ao PPP e acima de tudo que possam incentivar e promoção e a realização de assembleias de classe como parte integrante do processo educativo democrático, visando a formação de cidadãos mais ativos, conscientes e responsáveis.

O ato de dialogar promove e possibilita a circulação de ideias, que quando são refletidas podem proporcionar mudanças ao meio. Portanto, o ato de dialogar no espaço sala de aula pode ser considerado a turbina para as ações das Assembleias de Classes, e tem em vista interpelar e desatar as questões propostas além de ser a ferramenta pela qual as reflexões, o pensar sobre a moral e os valores que os estudantes acabam adquirindo vão se moldando consoante as discussões. Conforme destaca Chauí (2000), a consciência moral não só conhece tais diferenças, mas também se reconhece como capaz de julgar o valor dos atos e

das condutas e de agir conforme os valores morais, sendo por isso, responsável por ações e seus sentimentos e pelas consequências do que se faz, sente e realiza. Outrossim, ter consciência e responsabilidade são atos responsivos que não se pode dispensar na vida ética.

Assim, as Assembleias de Classes não podem ser consideradas isentas de ideologias e tampouco são neutras. Elas contribuem para a formação ética do estudante individualmente reverberando para o coletivo, contribuindo para um espaço respeitoso por intermédio das discussões que normalmente buscam soluções para a regulamentação da convivência em sociedade. Por isso, é que a Assembleia é definida como o momento Institucional da palavra, da escuta ativa.

Quando o diálogo, a escuta ativa e a reflexão são compreendidas como algumas ações dos critérios mínimos de qualidade para uma conversa ou um debate elas se convertem como principais objetivos da Assembleia de Classe. Estas ações estão justificadas como objetivo central, que é chegar aos acordos sobre as melhorias, assim como a responsabilidade no cumprimento por todos. Aprender a se colocar por meio da fala de forma clara e assertiva é uma das finalidades mais importantes da aprendizagem que a sala de aula pode proporcionar para a vida social, profissional, e cabe a educação ao longo do processo de formação. Além disso, o ato de dialogar é um meio que facilita a compreensão e a elaboração de convivência e das regras nas esferas que o indivíduo permeia ao longo de sua vida, aquele que participa de maneira ativa e atuante se sente na obrigação e no dever de cumprir o que foi acordado.

Para o professor poder compreender a Assembleia de Classe como ferramenta didática dentro de seu trabalho, o elemento primordial da ação é a abertura ao diálogo entre seus estudantes para consigo (professor). Através da comunicação o processo de afetividade é desenvolvido corroborando com o processo de ensino e da aprendizagem proposto ao segmento/série.

De acordo com Araújo (2004), a importância em se fazer Assembleia pressupõe uma aprendizagem democrática entre os professores e os estudantes. O aprender a ouvir, aprender a compreender o que é falado, o controlar os impulsos autoritários para confiar no grupo como agente de regulação coletiva, são alguns dos processos construídos por meio do espaço de diálogo e de participação propiciados nas Assembleias de Classe e esse aprendizado pode se dar na própria ação, durante as realizações do assembleísmo.

Para que estas ações ocorram como prática bem-sucedida é preciso um cronograma e respeito a este, pois a ação da Assembleia de Classe precisa ocorrer sempre nas datas organizadas e definidas no calendário para haver lisura durante seu processo e o entendimento das ações executadas por todos seus membros.

Esse cronograma pode ser semanal, quinzenal, mensal no tempo/relógio estabelecido no planejamento do professor e acordado pelo grupo discente como destaca Araújo (2024, p.51):

A periodicidade estabelecida deve ser sagrada e o excesso de trabalhos, a falta de tempo ou as avaliações pessoais sobre o bom andamento do grupo jamais podem ser empregados como argumento para suspender sua ocorrência nos dias e horários estabelecidos.

Em suma, a Assembleia de Classe pode desempenhar um papel fundamental na vida escolar e no trabalho professor por contribuir para o desenvolvimento da participação e na comunicação assertiva entre estudantes e professor, estudantes e estudantes e estudantes com a aprendizagem; além da construção de uma comunidade escolar mais inclusiva e colaborativa.

Após apresentar os instrumentos da Assembleia de Classe e ter conhecido seu processo, o valor e a possibilidade em contribuir com a didática professor, a seguir será apresentado como se deu o contato e o convívio da pesquisadora como os movimentos de Assembleia Escolar e de Classe durante sua trajetória profissional na Educação Básica Pública Brasileira.

2.2 Convivendo com Assembleia de Classe

Ao iniciar uma linha textual sobre o assembleísmo no âmbito escolar procurou-se trazer a intencionalidade das diferentes ferramentas e de como trabalhar esse movimento e as suas possíveis contribuições como instrumentos pedagógicos para a Educação Pública. Nesta etapa, a ideia é apresentar como a ação de Assembleia fez-se presente na trajetória profissional da pesquisadora como ferramenta didática e na formação continuada de sua carreira.

O contato e a convivência com a Assembleia de Classe significam possibilidades aos sujeitos em debater temas que julgam necessário para possíveis soluções ou melhorias no espaço que atuam. Bem como, é relevante a escuta atenta das opiniões divergentes, para se chegar ao bom senso, para assim, serem tomadas decisões assertivas coletivamente. Então, se faz necessário um espaço organizado no qual todos possam frequentar e compreender que tal ambiente pode ser muito mais enriquecedor intermediado por debates e tomadas de decisões compartilhadas. Portanto, um ambiente saudável com base na ética e nas responsabilidades para o benefício do grupo.

A participação ativa de todos os sujeitos envolvidos para com esse movimento é essencial. E é por meio da contribuição do assembleísmo que a comunidade constrói entre si um espaço responsivo, democrático, dialógico e participativo.

Assim, o primeiro contato com a Assembleia Escolar e de Classe que a pesquisadora teve como prática didática foi no ano de 2008 em uma escola pública do interior do Estado de São Paulo. A gestora escolar naquele período apresentou ao seu grupo a ideia e os conceitos de Assembleia Escolar e de Classe como prática de diálogo, de boas práticas e resoluções de conflitos entre todos os profissionais da Unidade Escolar e estudantes.

Seguindo a formação, a gestora trouxe a ideia para os estudos iniciais no planejamento escolar e estendeu-a para os momentos de Hora de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPC), com as leituras dos textos e a exibição dos vídeos informativos, a fim de promover debates entre o grupo sobre a ação de assembleísmo na escola, e como articular tais ações no dia a dia, dentro e fora da sala de aula com os estudantes e durante as reuniões pedagógicas.

Durante os encontros de formação, a gestora tinha como premissa, a participação de todos os profissionais escolares e todos os setores que compunham a formação profissional no espaço (docência, limpeza, administrativo e alimentação), pois a formação e a compreensão da equipe se faziam necessárias para que houvesse boas práticas no decorrer do ano letivo que a escola buscava como metas.

Assim, durante as formações, nos foram apresentados alguns modelos de assembleísmo: a Assembleia Escolar, pois as escolas estavam iniciando a sua implementação em seu PPP, conforme a orientação da Secretaria da Educação do Município, Assembleia Professor e a Assembleia de Classe. Por isso, a gestora propôs os estudos e sua execução com o processo de desenvolvimento das Assembleias no espaço escolar, com uma ressalva para a Assembleia de Classe, pois esta ficava de livre escolha dos professores, ou seja, facultativamente.

A livre escolha pela Assembleia de Classe se deu pela dinâmica escolar, pois ao realizar quaisquer ações e trabalhos com os estudantes se faz necessário, por sua vez, um planejamento com várias etapas, ou melhor dizendo, organizar as ações e estratégias que precisavam ser redigidas e entregues para a coordenação para ciência e seu acompanhamento na sala de aula e durante o ano letivo. Alguns professores se desafiaram em realizar tal ação com suas turmas. E como uma das professoras naquele período, a curiosidade em trabalhar e conhecer o processo da Assembleia de Classe e suas possibilidades com o trabalho pedagógico, despertou em mim a vontade de desenvolver um projeto com a turma que

lecionara naquele ano. Dediquei-me, naquele ano letivo, em lecionar com a turma da quinta série.

A curiosidade foi a motivação para trabalhar com a Assembleia de Classe, planejar a periodicidade em um calendário escolar já preestabelecido pela Secretaria de Educação, além do cronograma escolar que já era um desafio. Mas usar tal movimento como ferramenta didática e observar e analisar suas ações junto aos estudantes e compreender a dinâmica ao longo do ano letivo era o que me instigava, fazendo jus à proposta de Freire (2004, p. 83):

Como professor devo saber que sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não *aprendo nem ensino*. Exercer a minha curiosidade de forma correta é um direito que tenho como gente e a que corresponde o dever de lutar por ele, o direito à curiosidade.

Dessa forma, na Escola, a ação de Assembleia Escolar funcionava mensalmente, e as atas eram anexas no mural da escola para consulta pública, além disso, os estudantes representantes replicavam para suas turmas para que todos tivessem a ciência das ocorrências e eventos, por exemplo, a presença de pessoas alheias àquele espaço em datas específicas para a execução de melhorias.

Assim, a Assembleia Escolar gradualmente tornava-se, no espaço escolar, uma prática com bons resultados, pois observava o envolvimento e o movimento de todos para com o meio pelo tratamento mais respeitoso, comunicativo e inclusivo. Percebia-se que após as assembleias, com a participação de todos e a mediação da gestora, que os estudantes representantes voltavam para suas salas empenhados, com suas anotações, para replicarem-nas aos colegas e colocarem em prática as discussões ou votações. As cozinheiras passavam dias citando algumas falas, que aconteciam nas reuniões, para os professores que não haviam participado por estarem com os demais estudantes nas salas de aula, a fim de que todos colaborassem com as ações decididas. Era um movimento interessante ocorrendo na escola.

Sobre a prática de Assembleia de Classe a gestora acompanhou o trabalho conosco e dava o suporte sempre que alguma de nós recorriamos a ela. Tenho predileção por estudantes entre nove e dez anos, por poder provocá-los durante as reflexões cotidianas, e ouvir suas ideias a respeito de como poderia ser resolvido em seus modos de pensar e agir, de forma menos burocrática e sem crises, questões como de transporte público, saneamento básico para comunidades carentes, suas hipóteses e conversas sobre as transformações físicas e emocionais que se passam com eles ao longo do ano ou ainda, da sua compreensão sobre a

vida. Por isso, o interesse em realizar tal trabalho de assembleísmo com os estudantes de quinta série.

Assim, iniciamos o trabalho de Assembleia de Classe com as turmas com a explicação e a informação sobre a ação e sua intencionalidade no decorrer do ano letivo para que os estudantes, tranquilamente, entendessem que não era uma ação obrigatória, mas que todos tinham o direito de participar das assembleias mediadas pela professora e que poderiam também mediar, caso sentissem a necessidade.

Um ponto importante destacado para os estudantes foi que nesse momento de assembleísmo, a resolução de conflitos e/ou levantamentos de pontos positivos, as ações que ali seriam discutidas e estabelecidas, deveriam ser respeitadas e realizadas por todos, por tratar-se de uma decisão coletiva. Então, era fundamental que os diálogos fossem tratados respeitosamente e com clima cordial durante e após a Assembleia de Classe, conforme trata Araújo (2002, p. 67):

[...] o espaço das assembleias de classe não se destina exclusivamente à resolução de conflitos, pois isso tornaria esse momento sempre tenso e não prazeroso. Pode-se também, ali, falar de coisas positivas, felicitar as conquistas pessoais e do grupo e discutir temáticas para projetos futuros.

Desta maneira, entende-se que a Assembleia de Classe não deve ter um clima tenso e tampouco ser um momento de pesadelo para todos que participam. A ideia de trabalhar com felicitações e/ou apresentar sugestões, por exemplo, brincadeiras coletivas nos momentos de descanso, foram temas abordados pela turma durante as realizações das Assembleias e discutidos por todos. No início, não foi muito fácil a condução das reuniões, pois muitos não entendiam precisarem ouvir e respeitar a ideia de que um ou outro colega nem sempre queria se posicionar diante de determinadas temáticas.

Conforme a Assembleia de Classe ocorria de forma periódica, observava-se através das atitudes dos estudantes e o envolvimento tímido, uma comunicação mais aberta entre todos. Foi notório que a convivência lentamente na sala e com todos apresentava resultados positivos. Claro que havia alguns conflitos, porém, eles próprios resolviam, em muitos casos, sem a necessidade de mediação por parte da professora.

As reuniões da sala ocorriam toda a semana, às quartas-feiras, e durante as assembleias, começávamos com os cartazes de “felicito” e “crítico”; após o que poderíamos melhorar coletivamente. Durante as rodas de conversa, os estudantes se sentiam seguros em debater os temas e elaborar ações possíveis a serem realizadas por todos. No dia a dia, sempre

ocorriam as conversas ou rodas de pequenos grupos sem a mediação da professora. Notava-se continuarem os debates e as reflexões do que era discutido nas assembleias.

Observava-se que as turmas que praticavam a Assembleia de Classe gostavam e tinham prazer de brincar juntas, passavam horas conversando e quando havia conflitos, resolviam entre si, apenas informando aos professores o que havia ocorrido e a solução que haviam encaminhado. Nos períodos de Conselhos de Classe, os demais colegas se queixavam da indisciplina de seus estudantes ou da falta de foco nas aulas. Sobre as três turmas envolvidas no trabalho com a Assembleia as queixas eram referentes a outras questões pedagógicas, diferentes das demais, por exemplo, suas inquietações a respeito de seu envolvimento com estudos para além da sala de aula, coletivamente.

Como ferramenta para o trabalho pedagógico na sala de aula, observava-se o envolvimento dos estudantes com os conteúdos, o tempo da explicação, a forma de dialogar com a professora e entre os pares. Além de perceber que, como professora, eu estava mais aberta para a escuta ativa com todos os estudantes e até com os colegas de profissão, repercutindo no posicionamento durante as reuniões, objetivamente e até pontuando assuntos dos quais discordava, porém, respeitosamente.

A partir do segundo semestre daquele ano a relação dos estudantes com os estudos passou a ser mais dinâmica, pois apresentavam maior foco durante as realizações dos exercícios em sala, além de apoiarem-se quando não conseguiam realizar uma ou outra atividade. Durante os momentos de recreação, gostavam de ficar juntos, propunham brincadeiras das quais todos pudessem participar e interagir. Na reunião bimestral, a devolutiva por parte dos responsáveis sobre a percepção que tiveram com seus filhos ou netos era de senti-los mais calmos e focados em suas atividades ou conversas em casa e no meio social, esta observação foi levantada pelas famílias como ponto de elogio em relação ao trabalho desenvolvido.

A partir dessa devolutiva enquanto professora responsável pelo desenvolvimento escolar dos estudantes, fui compreendendo como a Assembleia de Classe poderia fazer parte da minha didática ao longo do meu trabalho com rigorosidade nas ações e responsabilidade com a formação do outro.

Contudo, lendo, depois de muito tempo, *A Pedagogia da Autonomia*, de Freire (2004), compreendi sobre essa rigorosidade de professor e sua aproximação com o pesquisar, os saberes e com o conhecimento e o quanto é importante para compreender as ações dentro e fora da sala de aula.

O educador democrático não pode negar-se o dever de prática professor, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão. Uma de suas tarefas primordiais é trabalhar com os educandos a rigorosidade metódica com que devem se “aproximar” dos objetos cognoscíveis. E esta rigorosidade metódica não tem nada que ver com o discurso “bancário” meramente transferidor do perfil do objeto ou do conteúdo. É exatamente neste sentido que ensinar não se esgota no “tratamento” do objeto ou do conteúdo, superficialmente feito, mas se alonga à produção das condições em que aprender criticamente é possível (Freire, 2004, p. 28).

Dessa forma, ensinar é responsabilidade de um professor comprometido com seu trabalho e com a ética e sua moral. O movimento de Assembleia de Classe passou a ser uma prática em meu trabalho no chão da sala de aula.

Conviver com a Assembleia de Classe é estar disposto no dia a dia a contribuir para a construção de uma comunidade escolar mais democrática, participativa e compreender que a participação ativa nesse espaço é essencial para a promoção de um diálogo mais construtivo e aberto entre professor e estudantes, estudantes e estudantes, estudantes e comunidade escolar.

Ao ingressar no *Stricto Sensu* e dialogar com meu orientador definimos que o trabalho de pesquisa seria sobre A Assembleia de Classe como uma ferramenta para a prática educativa do professor. Para ir a campo iniciar a pesquisa necessitei de um planejamento e conversas com alguns gestores da rede municipal pública do interior de São Paulo, para entender se havia esse movimento de assembleísmo, mais especificamente o de Classe, nas escolas que administravam. E se este constava no PPP da Instituição, a fim de compreender o envolvimento da escola com a ação da Assembleia de Classe como ferramenta pedagógica na promoção do diálogo assertivo entre professor e estudante.

Assim, após esse levantamento, iniciou-se a pesquisa no mês de agosto de 2023 em uma Escola de Ensino Fundamental I e II de fácil acesso no município. Entretanto, a pesquisa só foi realizada com os professores do primeiro segmento.

Para a escolha da escola e de seus professores participantes a pesquisadora teve como processo de curadoria dois meses antes do contato com os diretores de escolas do Fundamental I do interior do Estado de São Paulo. Este se deu por meio de telefonemas ou visitas às escolas, para apresentar a proposta de pesquisa além de saber se ocorria o processo de assembleísmo no espaço e se seria possível a realização da observação da ação de Assembleia de Classe. A fim de observar o processo de desenvolvimento do assembleísmo para a composição dessa pesquisa em campo, o trabalho se deu com três professores de séries distintas.

A partir disso na subseção 2.3, apresentaremos nossos participantes da pesquisa, seus trabalhos e suas relações com a Assembleia de Classe. Trataremos da sua correspondência com a prática educativa como uma ferramenta pedagógica que auxilia o trabalho do professor na sala de aula.

2.3 Os Participantes da Pesquisa

A pesquisa foi composta por três sujeitos participantes, professores do Fundamental I, que lecionam para turmas distintas. Por isso, ao planejarmos a estrutura da pesquisa pontuamos a necessidade de termos como sujeitos estes professores dos distintos segmentos: primeira série, terceira série e quinta série, nas quais a intencionalidade da pesquisadora foi de observar se no espaço sala de aula com estudantes em diferentes processos de formação escolar e político, como são as relações de poder e subjetividade dos professores e como se apresentam com os seguintes movimentos: a relação do professor com o instrumento Assembleia e sua linguagem para com os estudantes; o papel do educador e suas responsabilidades sobre a ação da Assembleia de Classe e as discussões que os envolve.

Também se verificou sobre a questão da figura professor em relação ao não exercer um domínio durante o assembleísmo e conseqüentemente em ações impostas para os estudantes, por meio de seu “poder professor”. E por fim, se há utilização da Assembleia de Classe como uma ferramenta para a prática educativa do professor e como seu diálogo e postura ética são recebidos pelos estudantes.

Desta forma, a pesquisa de campo ocorreu no segundo semestre de dois mil e vinte e três, na escola com os segmentos do Ensino Fundamental I, Ensino Fundamental II e o Ensino Educação de Jovens e Adultos (EJA) sendo este último no período noturno.

Os estudantes atendidos pela Instituição segundo informação obtida junto ao PPP da Unidade Escolar, cedido pela equipe gestora, são de diferentes comunidades/bairros distantes do endereço da escola; tendo que se locomoverem por Van, veículos particulares, transporte escolar cedido pelo município conforme o previsto pela LDB nº 9.394/96 e/ou aqueles que moram em proximidade, conduzidos por familiares até a unidade.

Podemos destacar a escola participante da pesquisa como uma das mais antigas e históricas do interior de São Paulo. Apresenta um histórico de fanfarras, de concursos literários, de medalhas olímpicas estudantis e de campeonatos escolares intermunicipais. O entorno da escola é composto em sua maioria por moradores de mais idade ou casais sem filhos. Assim, muitos de seus estudantes são de vários bairros próximos.

Por ser um prédio antigo carrega algumas marcas históricas, por exemplo, as salas de aula com pisos de taco e a presença de tablado centralizado abaixo da lousa desde a sua construção em 1959, quando se acreditava que o professor era o detentor do conhecimento e a atenção e o foco dos estudantes deveriam estar totalmente voltados para ele.

As informações acima colaboraram para a pesquisadora poder conhecer o processo histórico da escola, como é composta sua comunidade escolar, para assim, partir com o olhar e foco na pesquisa em relação à temática Assembleia de Classe com o segmento do Fundamental I. Contando com três professores de segmentos diferentes e seus estudantes como coadjuvantes (sem intenção de realizar qualquer entrevista com os menores, apenas observar as ações de diálogo entre seus pares) com entrevistas apenas com os professores.

Acreditamos que a pesquisa apresenta relevância acadêmica por poder contribuir para com a *práxis* professor no sentido das relações assertivas com os estudantes através do diálogo e da escuta ativa e ética via um cuidado com as relações num grupo e no espaço da sala de aula. As relações de cuidado consigo e com o outro, não apenas nos momentos de assembleísmo, mas durante o processo de ensino e aprendizagem ao longo do ano letivo.

Ao iniciar a pesquisa na escola observou que a Unidade tem como prática a Assembleia Escolar mensalmente. Conforme previsto em seu PPP, digno de nota, que esta proposta veio por intermédio da equipe gestora, que trabalhou com seus professores no planejamento inicial com o conceito de estar aberto às ideias dos estudantes a respeito da escola e na busca de melhorias a partir das suas solicitações.

Mas a Assembleia Escolar não é o mesmo movimento que a Assembleia de Classe e o equívoco entre essas práticas é comum nas escolas. Muitos gestores e professores acreditam que o movimento de assembleísmo pode ocorrer coletivamente esporádica, mensal ou quinzenal, com participação de todos ou com pequenos grupos, sem apropriação correta das ações.

Porém, e em paralelo a esta ação do assembleísmo escolar, os professores realizam com suas turmas a Assembleia de Classe. Esta informação veio no decorrer da conversa com a vice-diretora, que fez as apresentações da pesquisadora aos professores participantes da pesquisa. Sobre os participantes envolvidos na pesquisa, foram três, de séries distintas: a professora da primeira série, Maria; outra da terceira série, Camila; e um professor da quinta série, Alexandre²⁰.

²⁰ Para guarda do sigilo dos nomes dos participantes/professores da pesquisa, nomeamos por meio de títulos de músicas populares brasileiras. A professora da primeira série será “Maria”, devido à música “Maria, Maria” de Milton Nascimento. A da terceira série, “Camila”, devido à música da banda Nenhum de Nós. E o professor da quinta série, “Alexandre”, canção de Caetano Veloso.

A ação da Assembleia de Classe realizada pelos professores não consta no PPP da escola. No entendimento da gestão e dos professores que entrevistei, todos acreditavam que o movimento e a ação da Assembleia de Classe com as turmas seriam ações autônomas do professor, e os acordos ficariam restritos às salas de aula. Caso necessário, quando ocorresse a Assembleia Escolar poder-se-ia trazer algum tema para discussão entre todos, para levantamento de hipóteses e ações. Portanto, a partir das visitas e pesquisa com os professores, foram traçados objetivos específicos para as séries são eles: a) investigar como as Assembleias de Classe contribuem como práticas educativas do professor no chão da escola; b) observar como a (o) professor(a) recorre à ferramenta Assembleia de Classe c) analisar sobre o processo de subjetivação da(o) professor(a) quanto ao cuidado de si e do outro. Após, todos os objetivos delineados, iniciamos a pesquisa *in loco* com cada professor.

De acordo com Araújo (2000, p. 7), as Assembleias de Classes são instrumentos para desenvolvimento e discussão com base na ética entre seus agentes: estudantes e professor, por implicarem em

[...] aprender a dialogar, a construir coletivamente as regras de convívio e a fortalecer o protagonismo das pessoas dos grupos sociais na construção da democracia e da justiça social é um papel que a escola pode, e deve, exercer na luta de transformação da sociedade.

Assim, a compreensão do fazer político democrático por meio das relações sociais, se inicia no espaço escolar, ecoando para fora de seus muros. A sala de aula pode se tornar um espaço de discussão e resolução de conflitos, contribuindo para que todos compreendam a responsabilidade e a participação de todos para com todos.

A organização ocorreu durante o mês de agosto e se estendeu até o fim do semestre letivo de 2023. Durante as semanas, as visitas tinham duração de uma hora-relógio, não mais do que isso, para não atrapalhar o desenvolvimento e a rotina dos professores e estudantes.

Um ponto interessante de registrar foi o primeiro dia de pesquisa com os professores. Ao ser-lhes apresentada percebi olhares desconfortáveis. Compreensivo de minha parte, pois chegar no segundo semestre para realizar uma pesquisa em meio a oscilações de datas nas quais a rotina e a organização didática do educador encontram-se, às vezes, em desordem, repetitiva e/ou perdida, por conta da programação que muitas vezes é mudada por instâncias superiores para cumprir formalidades e eventos que acabam atrapalhando o trabalho pedagógico.

Além de que, uma pessoa recém-chegada na sala de aula impacta na rotina dos estudantes, que acabam ficando agitados, demorando para realizar suas tarefas ou com pouca participação nas aulas.

Ao sair da escola neste primeiro encontro precisei pensar em uma estratégia para que os demais encontros tivessem êxito e fluidez com os colegas participantes e não alvoroçar os estudantes com minha presença.

A princípio não me vinha nada em mente, mas resolvi ligar o computador e fazer a impressão do meu projeto para cada professor que iria acompanhar e entrevistar, acreditando que seria uma proposta interessante. Feito isso, cheguei à conclusão de que talvez em meio ao caos que estavam passando pelas oscilações de datas com as provas externas, além dos compromissos dos eventos da Secretaria da Educação e as finalizações de projetos da Escola, ler um documento de trinta páginas não seria interessante.

Elaborei então um mapa de percurso no qual descrevi o objetivo e olhar para com a minha pesquisa na sala de aula. Nesse mapa de percurso pontuei a Universidade a partir da qual realizo o estudo e que me auxilia no desenvolvimento deste trabalho e a sua linha de pesquisa, juntamente com o meu material de apoio teórico.

Assim, os três participantes receberam minha “caixa de informações”, contendo o mapa (em anexo) e um chocolate, e compreenderam o meu objetivo e o meu papel enquanto pesquisadora com a proposta de conviver com eles por alguns meses. Dessa forma, houve uma “quebra de gelo”, resultando em um acolhimento por parte deles, segurança e a interação tranquila de comunicação clara entre os três professores e eu.

Figura SEQ Figura * ARABIC 2- Mapa de percurso informativo para os professores, realizado pela autora.



Posterior a isso, iniciando a observação e pesquisa com a professora Camila, da terceira série, verifiquei que sua sala era a penúltima do terceiro andar com estudantes frequentes e heterogêneos. Observando a relação dos estudantes com a educadora notei apresentarem um diálogo bem interativo, organizando-se a partir de regras e entendendo que com o descumprimento, todos perderiam, por exemplo, inclusive a professora no momento de descanso ou a possibilidade de organizar algo que quisessem no tempo livre acordado pelo grupo.

Nesse primeiro contato, além de me apresentar também fui questionada, pois os estudantes curiosos com minha presença elegeram um representante para me perguntar o que eu estava fazendo e qual o meu nome. Após minha resposta, o aluno foi para o fundo da sala replicar aos demais as informações que acabara de colher.

No dia seguinte, segui para conversar com o professor Alexandre da quinta série, com a mesma ideia de quebrar o gelo, houve um acolhimento com a entrega da “caixa de informações”. O professor mostrou seu interesse pelo tema Assembleia de Classe e se queixou das poucas formações que teve ao longo do ano letivo e assim, a nossa conversa ultrapassou o tempo de uma hora devido ao seu “tempo de aula livre”. Decerto, foi um momento muito produtivo no qual a pesquisadora pode se autoavaliar em relação ao seu processo e desenvolvimento frente ao objeto de pesquisa e a compreensão do tema, no qual se faz necessário além de estudar, ter espaços para ouvir e dialogar com o outro para avaliar sua condução e objetivo final.

Após um diálogo produtivo agendamos as próximas visitas para dentro da sala de aula e com a presença da turma. No primeiro contato com os estudantes da quinta série percebe-se serem bem frequentes como os da terceira série. Na turma há um aluno inclusivo (Síndrome de Down), conforme a lei 7.853 o aluno tem um auxiliar que o acompanha durante o tempo de aula e contribui com sua interação com os colegas, professor e atividades. Os estudantes gostam de interagir reciprocamente, são divertidos e respeitosos entre si e com a equipe escolar.

Quando entrei na sala estavam realizando atividade de produção de texto em grupo, fizeram questão em apresentar o andamento do trabalho, cada grupo explicou como estava caminhando suas discussões para concluir a atividade e entregar ao professor. Achei interessante o foco dos estudantes, depois que todos me explicaram suas tarefas voltaram a realizar a atividade e quando tinham algum conflito observou-se que primeiramente buscavam resolver entre si, quando não chegavam a um consenso reportavam ao professor de forma muito tranquila e com clareza de fala.

Nesse momento observei que a ideia de *epimeleia heautou* conceito grego da Antiguidade, discutido por Michel Foucault no cuidado de si se apresentava de uma forma construtiva entre os estudantes e professor na questão formação ética entre as relações no espaço sala de aula. Quando o professor precisava explicar aos estudantes e o tom de voz era normal e claro todos ficavam atentos à explicação, alguns anotavam para consultar durante a realização da atividade e o caminhar da aula era dinâmico e produtivo.

No dia da minha visita à professora Maria da primeira série, ela estava em sessão de fotos, por isso minha apresentação foi rápida para não atrapalhar o processo, apenas observei os estudantes e suas animações para o momento, pois estavam contentes e eufóricos com a movimentação diferente na aula.

Em outra visita, a professora muito receptiva e comunicativa falou do seu tempo de trabalho com o magistério e sua didática pautada na construção do diálogo com seus estudantes, pontuou que desde a Educação Infantil realizava o trabalho com o assembleísmo por acreditar na sua potencialidade e na contribuição na formação coletiva de seus estudantes. Aqui gostaria de fazer uma ressalva sobre a professora Maria, pois tem o conhecimento sobre os modelos de assembleísmo na Educação a partir de estudos e formação continuada e de iniciativa particular, atuava com o modelo na Educação Infantil por considerar uma prática importante no trabalho pedagógico. Ao ser entrevistada respondeu a seguinte questão: quando teve contato pela primeira vez com a Assembleia de Classe e o que pensou sobre ela em seu primeiro contato?

“Eu não me lembro exatamente quando, mas faz tempo. Desde a educação infantil favorecemos o espaço para a criança ter vez e voz, e ser mais atuante nas tomadas de decisões. Eu pensei logo no início que seria bem difícil e que talvez as crianças não iriam conseguir, no entanto elas me surpreenderam. Realizar uma Assembleia de Classe realmente não é fácil, porque requer comprometimento, ser constante, considerá-la importante. Depois, com a prática as crianças vão se apropriando dos conceitos envolvidos, vão criando as habilidades e ampliando sua independência e autonomia”. (Professora Maria 1ª série).

Observa-se com o relato que a professora sinaliza que a ação de Assembleia de Classe pode ser benéfica caso seja planejada no trabalho para com seus estudantes durante o ano letivo. Pontuou que não é um trabalho fácil, por requerer um planejamento que possa contribuir para o desenvolvimento das ações autônomas por parte dos estudantes. Observa-se a clareza por parte da professora de como essa prática pode ressaltar de forma profícua na sua relação com sua turma com base na ética e no cuidado para com todos.

As próximas visitas ocorreram com o tempo cronometrado sem ultrapassar o acordado devido à movimentação e as oscilações de datas e eventos pedagógicos da Escola ou da Secretaria de Educação, assim para não exaurir mais os professores, buscamos deixá-los tranquilos e respeitá-los até por ser final de semestre e com uma extensa agenda de provas e eventos.

Seguindo com a visita na sala da professora Camila da terceira série e conhecendo um pouco mais sobre seu trabalho, pude ouvir o relato sobre sua vivência na gestão e que a pouco tempo retornara para a sala de aula, pois preferia acompanhar a evolução e conquista de seus estudantes no chão da sala de aula. Com sua turma lecionava desde a segunda série e daria continuidade para o ano seguinte na quarta série. Assim, o vínculo entre estudantes e professor juntamente com a família criam elos fortes.

Neste dia, utilizei meu caderno para registrar as respostas das perguntas que fiz para a professora sobre o trabalho com a Assembleia (não fiz distinção de qual modelo para poder observar se entendia as diferenças entre Assembleia Escolar com a de Classe). A professora Camila, explicou que segue o que é organizado pela escola, entende que os estudantes são ouvidos pela direção quanto suas críticas, mas, que as ações não são realizadas como deveriam por falta de cumprimento das regras ou algo que não depende da gestão. Quando questionada sobre a Assembleia de Classe como ferramenta para a prática pedagógica na sala de aula, houve uma pausa por parte da professora. E então sua primeira resposta foi de não concordar que a Assembleia de Classe pode ser utilizada com uma prática professor. A professora Camila apresentou a seguinte ideia “*não concordo que a Assembleia de Classe seja um instrumento pedagógico*”.

A professora no segundo momento, respondeu que não havia pensado na possibilidade para seu trabalho e, conforme a fluidez da conversa, a professora conjecturou: pode ser que haja possibilidades para uma ação no próximo ano com sua turma sobre o movimento de assembleísmo, justificou através de sua fala.

Outra data, retornando a visita na quinta série, o professor Alexandre estava com hora livre na sala dos professores, ficando mais tranquilo para conversarmos e registrar algumas informações sobre o trabalho com Assembleia de Classe com sua turma. Assim, com mais tempo o professor fez algumas perguntas a fim de entender mais sobre o movimento de Assembleia Classe, pois lhe faltavam mais informações e formação contínua sobre essa *práxis*. Relatou que no início do ano por ocasião do planejamento a gestão conversou superficialmente e nas formações ofertadas pela Secretaria não ficava claro como o professor poderia trabalhar tal ação na sala de aula. Com o auxílio do mapa de percurso que já havia entregado fui delineando os movimentos de assembleísmo e assim desenvolvemos um diálogo muito interessante, no qual nós dois estávamos em processos de aprendizado, ele de entender toda a potencialidade da Assembleia de Classe e eu enquanto pesquisadora mais uma vez de autoavaliar minha ação enquanto pesquisadora sobre o objeto da pesquisa.

Após toda conversa o professor Alexandre fez uma observação que se torna muito necessária ressaltar como alerta para todos nós pesquisadores:

Você foi a primeira pessoa a chegar na escola apresentando seu trabalho e material para que pudéssemos conhecer; geralmente estagiários e outros, chegam na sala assistem nossa aula, não nos falam nada, recolhem nossa assinatura e vão embora. Não ficamos sabendo se gostou ou se deu certo, muito interessante a sua postura (Professor Alexandre).

O professor explicitou a importância do pesquisador que ao chegar na escola preocupa-se com a equipe no sentido de apresentar o seu tema e objetivo de pesquisa e do porquê em realizar um trabalho sobre o tema exibido, o respeito em não divulgar dados pessoais, de manter em sigilo as identidades dos participantes e da Instituição, movimento que vai ao encontro das exigências do Comitê de Ética, pois era algo que eles não sabiam e que tinham curiosidade de entender em relação a todo o processo e ainda solicitaram ao final terem acesso à divulgação do trabalho.

A devolutiva do professor faz uma provocação e traz uma reflexão para o meio acadêmico. Desse modo, todos os pesquisadores deveriam apresentar o final de seu trabalho para as escolas, por exemplo, em momentos como: as reuniões pedagógicas, encontros estabelecidos, congressos organizados pela Secretaria e/ou rodas de estudos para o conhecimento do grupo e de toda a comunidade. Esse proceder colocaria os professores mais próximos ao mundo das pesquisas e poderiam dialogar e refletir sobre o processo didático no qual pode contribuir para com as práticas de sucesso no chão da sala de aula. Portanto, a fala do professor Alexandre, cabível e pertinente para todos os pesquisadores e estagiários ao realizarem suas atividades em *campus*.

Voltando para o processo de pesquisa com o professor Alexandre da quinta série compreende-se que o professor tem em vista promover a Assembleia Escolar de Classe com seus estudantes. A primeira conforme o calendário da escola antes do encerramento do bimestre e a segunda mensalmente a partir das questões trazidas pelos estudantes e/ou situações que ocorrem na sala, questões estas que o professor pensa serem pertinentes, motivando um momento para conversar e resolver tais conflitos e/ou chegar a uma ideia em comum para todos.

O relato do professor com relação à Assembleia de Classe trouxe a observação que sua turma passou a ser mais dinâmica e de forma geral mais unida, gostando de conversar inclusive nos momentos de intervalo trocando ideias entre todos. No chão da sala de aula, constatou também que durante a explicação, o professor foi notando que não erguia tanto a

voz para poder explicar os conteúdos e no período de explanação, além da atenção de todos, as perguntas passaram a aumentar quando não compreendiam o processo de ensino.

O professor dentro da sua reflexão didática avaliou que a interação dos estudantes, o envolvimento nas aulas e o respeito entre eles ao longo dos bimestres resultaram em um melhor rendimento escolar, e a Assembleia de Classe passou a ser praticada na sala de aula quinzenalmente.

Perguntou-se ao professor se ele tinha como o hábito o registro de suas assembleias, porém, sua resposta foi impactante, isto porque não a realizava por não saber como prosseguir com tal ação e como utilizar ao longo do trabalho com os estudantes por ser algo novo para ele.

Por fim, o professor Alexandre, novo na carreira do magistério dedica-se aos estudos e a sua formação contínua; visa compreender seu papel de formador e durante nossas conversas trouxe como reflexão “que para com a Educação hoje, acredito que vai bem além de um processo formativo, vejo como um processo contínuo de aprendizagem e o aluno é preparado para o mundo e não somente para o trabalho”. Continuando o seu raciocínio pontua a importância da Educação por acreditar que:

É através da educação que conseguimos desenvolver habilidades necessárias e a libertação do aluno, motivando o pensar de maneira crítica para agir e viver em uma sociedade exigente e que está em processo de evolução constante.

Vejo a educação com uma poderosa ferramenta para o desenvolvimento do ser humano e de uma sociedade mais igualitária, justa e democrática, porém é preciso saber usá-la. Em uma sala numerosa como a minha, tendo alguns conflitos diariamente, para não correr o risco de sair do foco, é preciso desenvolver estratégias pedagógicas a fim de alcançar os objetivos educacionais diários. (Professor Alexandre).

O professor seguiu a entrevista pontuando que a Assembleia de Classe pode possibilitar esse despertar da criticidade por parte dos estudantes e para ocorrer deve-se compreender que a comunicação pode sinalizar tal ação.

Dando sequência a pesquisa ao conversar com a professora Maria da primeira série ouvimos um histórico interessante sobre sua atuação na educação do Município. Na vivência com a Educação Infantil como discurremos anteriormente conhece o movimento do assembleísmo e seus diferentes modelos e acredita que é essencial o trabalho de Assembleia de Classe com as crianças desde a Educação Infantil até o Ensino Médio, reconhecendo a potencialidade que reverbera para a vida destes estudantes e para a sociedade pensando na ética coletiva.

A professora desenvolve a Assembleia de Classe com seus estudantes semanalmente, observa e acompanha o desenvolvimento da linguagem e do debate entre eles, e a cada reunião fica admirada com tamanha desenvoltura que conseguem ter com os assuntos tratados por eles ou pela própria professora como mediadora. Relata que já trouxe para o momento de assembleísmo temas para discutir e chegar a um acordo para um equilíbrio que deveria ser apresentado durante as aulas por todos os estudantes.

A professora Maria acredita que o movimento de Assembleia de Classe não, é algo que atrapalhe o tempo pedagógico, tampouco a aprendizagem dos estudantes. Ela ressalta que o parar para debater, ouvir as ideias ou reivindicações por parte da turma, ou simplesmente seus descontentamentos colaboram para a aprendizagem significativa e isto avança além dos muros escolares. A primeira série é uma turma muito agitada e gostam de estar sempre em evidência quando há visita e recepcionam muito bem. Gostam de contar sobre suas lições do dia e como aprenderam por meio da explicação da professora, e ainda, se houve apoio de um colega para auxiliar no momento da atividade. Assim, a professora Maria apresenta o seguinte relato sobre seu trabalho com a Assembleia de Classe:

Eu não me lembro exatamente quando, mas faz tempo. Desde a educação infantil favorecemos o espaço para a criança ter vez e voz, e ser mais atuante nas tomadas de decisões. Eu pensei logo no início que seria bem difícil e que talvez as crianças não iriam conseguir, no entanto elas me surpreenderam. Realizar uma Assembleia de Classe realmente não é fácil, porque requer comprometimento, ser constante, considerá-la importante. Depois, com a prática as crianças vão se apropriando dos conceitos envolvidos, vão criando as habilidades e ampliando sua independência e autonomia.

Voltando em outro momento com perguntas para a professora, a questioneei se havia registro sobre as assembleias semanais, ao que ela foi respondendo que realizava anotações apenas para firmar com a turma o acordado durante os dias de aula, mas com o tempo descartava não tendo como ideia ou orientação a escrita de ata, ou um portfólio sobre as reuniões durante o ano letivo.

Ao final das visitas e entrevistas entende-se que para os professores Maria, Camila e Alexandre os únicos documentos sobre assembleísmo que tinham como oficial e que registravam com o envolvimento de seus estudantes era a Assembleia Escolar. Esse documento era entregue pela coordenação ao final de bimestre e só seria apresentado no Conselho de Classe com todos os professores, gestão, funcionários e estudantes

representantes para apresentação e discussão por parte da gestão o que seria ou não possível em realizar na Escola.

Nas três turmas os professores sempre iniciam explicando sobre a chegada desse documento, sua importância, juntamente a responsabilidade da escrita por parte de um representante da sala, menos do primeiro ano em que a professora durante os três primeiros bimestres foi a escriba até que seus estudantes se alfabetizem e consigam registrar de forma autônoma suas ideias ou solicitações para a gestão.

Os assuntos tratados geralmente são os pontos positivos e negativos do bimestre, qual dica daria ao seu professor, felicitações, sugestões, o que precisa melhorar para o próximo bimestre (no caso do último bimestre, para o próximo ano) como apresenta o documento abaixo.

Figura 3- foto da Assembleia Escolar bimestral realizada na sala de aula com a mediação do professor.

The image shows two pages of a class assembly form. The left page is titled "Conselho de Classe" and "Assamblea de Classe". It has a decorative border of colorful teardrop shapes. The text on the left page includes: "Conselho de Classe" (with a redacted name), "Representantes:" (with a redacted name), "Professor representante: CASSIA REGINA BARBOSA", "Assamblea de Classe", "O que melhorou no 4º Bimestre?" (with a redacted answer), "O que ainda precisamos melhorar para o próximo ANO?" (with a redacted answer), "Felicitações:" (with a redacted response), and "Sugestões:" (with a redacted response). The right page is titled "PERFIL DA SALA" and has a decorative border of yellow pencil icons. It contains the text: "Analisando o decorrer do ano, escreva um registro do que mais chamou a atenção, pontos positivos e negativos e qual dica você daria aos professores ao assumirem essa turma." followed by a large area for writing and a line for "Assinatura".

Com relação ao desenvolvimento do Conselho de Classe, a pesquisadora não participou por entender que não fazia parte de seu objeto de pesquisa. Com relação ao modelo apresentado acima esse é muito utilizado nas escolas como uma das ações de assembleísmo. Neste modelo é possível trabalhar com os estudantes os pontos positivos, os negativos, as felicitações e/ou as sugestões para o processo de interação entre todos no tempo de aula como

a Assembleia de Classe ou como pontos positivos durante os bimestres ou no caso do último bimestre, ideias para o próximo ano letivo como Assembleia Escolar.

O importante é que as ações descritas no documento sejam apresentadas e realizadas para todos. Assim, pode ser realizada ao final do processo uma autoavaliação sobre o movimento coletivo, buscando-se entender se os objetivos foram atingidos ou não, e quais seriam as sugestões para o próximo caminhar e metas a serem contempladas por todos que estão no chão da sala de aula ou numa ação macro com toda a comunidade escolar.

O processo de visitas e entrevistas com os professores participantes da pesquisa trouxe como uma observação para a pesquisadora, que para se ter boas práticas na sala de aula com uma didática ou metodologia não conhecida pela equipe, são essenciais formações no espaço escolar que contribuam para a reflexão, o entendimento e o planejamento do professor. Dentro dessas formações, frisam os participantes, que não cabe apenas a escuta, mas as trocas de ideias e sugestões ao longo do processo de desenvolvimento das ações didática juntamente com os estudos coletivos contínuos. Como é possível observar no gráfico abaixo mapeado pela pesquisadora para ilustrar ao leitor as ações que os professores consideram importantes para ser trabalhado em seus encontros de estudos os HTPC²¹ :

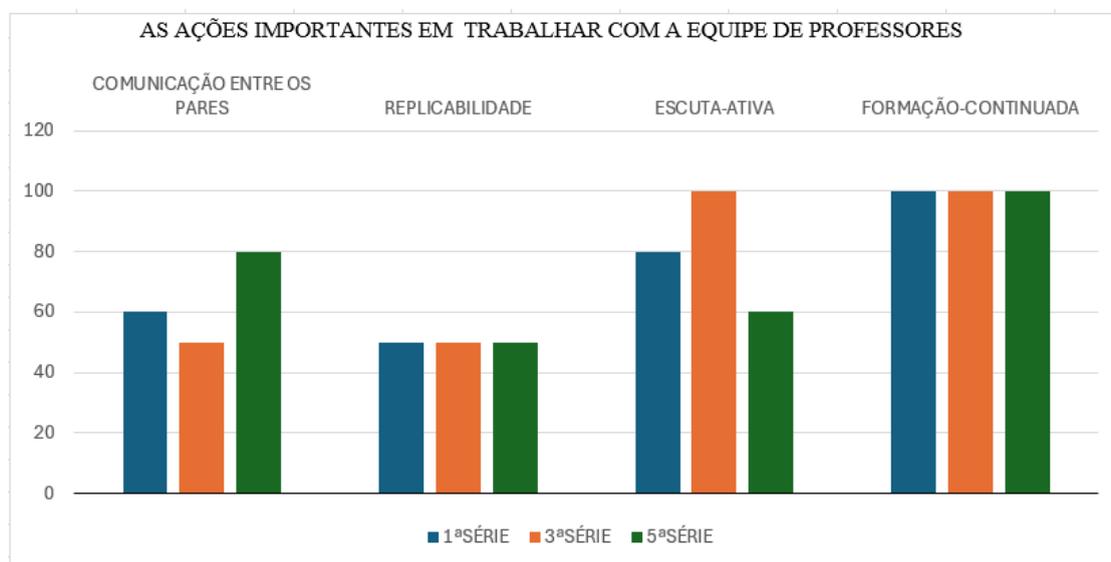


Gráfico produzido pela pesquisadora a partir das respostas dos participantes da pesquisa.

Os professores compreendem que a ação da formação inicial e continuada sobre o movimento de assembleísmo e suas ramificações precisam traçar e colaborar com o trabalho didático e seus objetivos com a base do planejamento semanal do profissional. Portanto, as

²¹ Hora de Trabalho Pedagógico Coletivo.

ações formativas devem ser planejadas, seja pela Unidade Escolar por meio da coordenação, seja pelo órgão responsável pelo Sistema Educacional Público.

Assim, para os professores poderem desenvolver todas as estratégias didáticas organizadamente e resultar em ações de sucesso como, por exemplo, na interação e no diálogo com seus estudantes, a organização via calendário e a disponibilidade do tempo para estudos se faz importante, bem como, a sua indicação do espaço escolar ou em lugares ofertados pela Secretaria da Educação do órgão público.

A professora Camila quando lhe perguntado se gostaria de ter mais treinamento ou orientação sobre a realização da Assembleia de Classe responde: *“Com certeza, seria de grande importância uma formação para nos nortear e orientar-nos como podemos melhor realizá-las”*.

Podemos sinalizar que a formação inicial e seu processo contínuo contribui tanto para a organização quanto ao labor do professor e conseqüente demonstra o respeito para com o profissional. Essas ações organizativas e processuais podem contribuir para a valorização do sujeito professor em seu local de trabalho.

Logo, o espaço possibilita trocas enriquecedoras de ideias e percursos entre os pares juntamente com ação da replicabilidade pelo grupo, sobre seu trabalho e resultados na sala de aula com os estudantes. A escuta ativa entre todos os membros sobre as práticas do grupo leva a reflexão do sujeito (professor) sobre sua ação e para o meio e o olhar para a gestão da sala de aula planejada e organizada.

A entrevista com a professora Camila contribuiu para uma análise com relação à organização para com as visitas e entrevistas com os professores. Assim, organizamos uma tabela que gerou um gráfico (logo abaixo) com a quantidade de dias das visitas realizadas e a feitas ao longo do semestre:

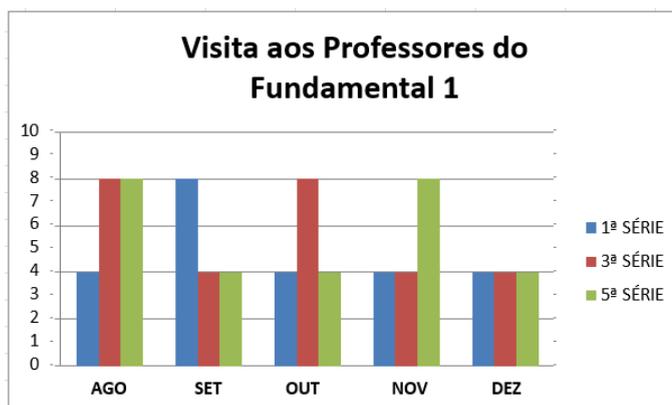


Gráfico produzido pela pesquisadora a partir das respostas dos participantes da pesquisa

O gráfico permitiu observar que ao iniciar a pesquisa a 3ª série e 5ª série inicialmente, receberam mais visitas, devido à agenda que ao longo do semestre os outros professores precisavam cumprir fora do espaço escolar e por sua vez o desencontro seria inevitável com a pesquisadora.

Outro ponto a se observar é que nos meses de setembro e outubro devido às mudanças de datas dos eventos escolares tomou-se um cuidado em não prejudicar a rotina e o psicológico dos alunos e dos professores Camila e Alexandre. A professora Maria da primeira série nos meses de novembro e dezembro teve eventos como fotos da turma, organização de gincanas internas, organização dos portfólios (pasta de atividades) dos alunos, porém, tinha horários específicos para hora de estudos individual, por isso conseguíamos conversar.

Como referência da fluidez das entrevistas temos duas falas das professoras: da primeira série e da terceira série com relação à pergunta: acredita que as Assembleias podem contribuir de alguma forma para a sua vida pessoal, profissional, ética e moral, no sentido de suas ações para com o cuidado de você mesma(o) e o cuidado para com os(as) alunos(as)? As respostas:

Acredito sim, pois também me ajuda a rever minhas atitudes frente aos alunos. Eu faço parte desse processo na construção das relações socioafetivas e troca de conhecimento. Quando dialogar para encontrar soluções ou melhorias se torna um hábito, levamos essa prática para outros momentos, situações, outras esferas como casa, família, amigos, comunidade. Então sim, levamos toda essa experiência para a vida e nos tornando pessoas melhores, seremos profissionais melhores e cidadãos melhores. Se todos soubessem resolver problemas e conflitos através do diálogo, de forma verdadeiramente ética e democrática, o mundo com certeza seria muito, mas muito melhor! (Professora Maria).

Acredito que devem contribuir sim, sendo feita de maneira “adequada”, com respeito mútuo para construir algo em nossas vidas. (Professora Camila).

Podemos observar que ambas as professoras validam singularmente as suas concepções acerca da ação e o movimento de assembleísmo de Classe, ou melhor, o ato para elas está além do muro escolar, mas compreendem como educadoras que é na escola que se inicia o entendimento da ética e do respeito para consigo e para com o outro. O ato de cuidar de suas ocupações, observar e analisar suas ações para com o meio com base na ética e com a dialogicidade, se faz presente em suas reflexões.

Assim, ao longo do processo das visitas e das entrevistas observou-se que os professores estavam confortáveis com a presença de outra pessoa dentro de seu espaço de trabalho, a sala de aula. Os professores cientes da temática da pesquisa entenderam que teriam

suas vozes representadas para campo científico com o olhar ético por parte da pesquisadora com seu objeto de estudo.

Na próxima subseção e brevemente discutiremos quais os documentos utilizados para que essa pesquisa pudesse ser transcrita, analisada e minuciosamente refletida por parte da pesquisadora. Tais documentos contribuíram para o olhar também de sua *práxis* enquanto professor do ensino público brasileiro.

2.4 Os Documentos Escolares e os Documentos Oficiais

Para auxiliar a construção da pesquisa durante as visitas agendadas e cronometradas tempo relógio, utilizaram-se questionários semiestruturados para problematizar a temática sobre as Assembleias de Classe com o intuito analisar as hipóteses dos professores sobre a possibilidade de utilizarem-na como prática didática no chão da sala de aula. Outro recurso utilizado foi o diário de bordo, que auxiliou a pesquisadora na escrita das falas dos participantes e as observações na sala de aula.

A ideia do questionário semiestruturado veio com a composição de perguntas para as(os) professores(as) composto de 25 perguntas voltadas à pesquisa (Apêndice A, B e C) para observar e analisar as relações didáticas, bem como, a articulação com a Assembleia de Classe. Contudo, ao utilizar questionário como um dos suportes para a pesquisa, foi possível analisar os diferentes olhares sobre a prática de Assembleia de Classe no âmbito sala de aula por parte dos sujeitos participantes.

Por conseguinte, por meio das respostas dos sujeitos participantes aos questionários da pesquisa foi notório compreender a importância do movimento de assembleísmo no espaço escolar, pois partindo de seus olhares (participantes) o intuito da Assembleia é de promover o protagonismo estudantil e o desenvolvimento das relações sociais em prol do coletivo.

Já como respeito a *práxis*, as entrevistas explicitam a necessidade de maiores estudos e formação por intermédio da equipe gestora e/ou da Secretaria da Educação para que estes possam compreender melhor a “ferramenta de trabalho” e a sua contribuição ao Ensino.

O questionário revelou também que para um olhar sobre a potencialidade didática da Assembleia de Classe no dia a dia da sala de aula, se faz necessário o estudo prévio com o corpo docente numa formação planejada e sequencial. Como sugestão dos participantes no proposto por Araújo (2015, p.67) o planejamento seria um bom momento para implementar o assembleísmo de classe na Instituição Escolar:

Como situação ideal, a implementação das Assembleias deve ser decidida no âmbito dos espaços democráticos já consolidados nas escolas, com aquele previsto nos conselhos escolares ou nos momentos de planejamento. Mediante estudos prévios sobre o tema e a discussão de suas implicações, os professores e a direção podem decidir iniciar o trabalho com as assembleias. Esse desejo coletivo é fundamental para o sucesso da experiência, pois garantirá a sustentação da decisão diante dos percalços que necessariamente a aparecerão em um programa que mexe com as relações de poder dentro da escola.

Uma gestão democrática apresenta a escuta ativa e atende-se a escolha da maioria, no que compreende a qualidade do trabalho e das relações e observa a prática de registro com base nos documentos referente a ação de Assembleia. No entanto, sobre a Assembleia de Classe não há registro de ata oficial por parte dos professores para uma leitura após as reuniões, ou abertura de outra reunião e até para outros momentos para rememorar o combinado entre todos e a responsabilidade de cada um com as decisões acordadas.

Assim, entende-se que a única documentação de evidência sobre assembleia que ocorre dentro desta Escola na qual se realizou a pesquisa está apenas no PPP. A gestão recorre a atas entregues ao final do bimestre para um debate coletivo entre todas as turmas e segmentos no momento do Conselho de Ciclo, por cada representante de sala sendo discutidas durante os Conselhos de Classe.

Portanto, os documentos utilizados para *o corpus* da pesquisa contribuíram para com as análises de como ainda se faz necessário o estudo e a divulgação de dissertações e artigos acadêmicos sobre a temática Assembleia de Classe juntamente com uma formação continuada ou promovida em Congressos de Educação para que se torne uma possibilidade de ferramenta didática ofertada ao professor.

Na próxima temática, tentaremos discutir as possibilidades de trabalho que a Assembleia de Classe pode oferecer na sala de aula por promover um diálogo assertivo e claro do professor com seus estudantes.

3 ASSEMBLEIA DE CLASSE COMO POSSÍVEL FERRAMENTA PARA PRÁTICA EDUCACIONAL

A Assembleia de Classe pode colaborar significativamente com a prática do educador dentro da sala de aula. Ela pode proporcionar um ambiente com maior dialogicidade com os conteúdos programados para as séries/ano contribuindo com a participação democrática dos estudantes, pois estes têm a oportunidade de se expressarem, de pensarem, de refletirem e discutirem entre si a partir dos conteúdos propostos durante o tempo de estudo, colaborando para a aprendizagem significativa e processual. A Assembleia de Classe também pode aproximar e favorecer as relações entre o professor e alunos no decorrer do ano letivo em prol da convivência democrática e a tolerância de ideias.

Silveira (2014), apresenta a reflexão de Sócrates sobre a figura do educador. Para Sócrates, o educador tem como princípio a *poiésis*; ou melhor, a arte de criar e fazer:

Tal como a sua mãe Fenareta que era parteira e o seu pai Sofronisco que era escultor, parece que Sócrates reuniu as duas artes criativas (*poiésis*) em uma única e criou a do “Educador”, pois ajudava as pessoas grávidas pelo saber a darem à luz, bem como, as esculpia, ajudando-as a se tornarem belas, numa Escultura de si. (Silveira, 2014, p.111).

Assim a Assembleia de Classe pode ser uma ferramenta que possibilita a criatividade para o trabalho do professor na promoção de um diálogo conciso, claro e próximo ao seu estudante, no qual pode estimular e apoiar o pensamento para a construção de uma aprendizagem significativa. O professor é um parteiro, um escultor e com sua criatividade e reflexão na didática sobre o ato de ensinar pode fazer a diferença nas relações com a sua turma, por permitir e colaborar para a construção da criticidade, da reflexão, do respeito e o cuidado consigo, com o outro e para dentro do ambiente escolar de forma ética.

3.1 O Cuidado de Si e do Outro em Foucault

O ser humano é definido nos Diálogos como o ser a quem foi confiado o cuidado de si. (Foucault, 2010, p.52)

O preceito - *epiméleia heautou* – que significa o cuidado de si nos ajuda como ponto de partida nos estudos foucaultianos, visto que o autor faz um recorte histórico a partir do pensamento Grego Clássico, que vinha com a filosofia de que o homem tinha o direito e o

dever de olhar para si, retornar a si. Sendo assim, “o Cuidar de si” é dar conta e entender de sua própria conduta para consigo e com os outros e com o espaço (sociedade) em que vive.

O ponto inicial para Foucault em seus estudos sobre o cuidado de si foram os escritos deixados por Platão (2001) trabalhando com duas figuras importantes: a primeira do general grego Alcibiades peça fundamental para o período Antigo Clássico e a segunda, Sócrates onde ambos os amigos apresentam um diálogo refletido e discutido posteriormente por Platão como discorre Foucault (1985):

Sócrates mostra ao Jovem ambicioso que muito presunçoso de sua parte querer tomar a seu encargo a cidade, dar-lhe conselhos e entrar em rivalidade com os reis de Esparta ou com os soberanos da Pérsia se não aprendeu anteriormente aquilo que é necessário saber para governar: deve, primeiro ocupa-se de si próprio (Foucault 1985, p.49-50).

No diálogo, Sócrates alerta o amigo que para o ato de governar se faz necessário compreender a arte de tal função com base no preceito *gnōthi seauton* “Conheça a ti mesmo”. Logo, na conversa entre os amigos, observa-se o que diferencia de uma pedagogia da maneira de fazer política e um foco no “conhecimento de si”. A partir desse pensamento temos o surgimento de outra pergunta reflexiva: como viver de maneira ética nas relações de poder e prazer?

Partindo, dos estudos de Platão (2001), das reflexões de Foucault (1985) e do excerto acima entendemos que as relações de poder e prazer precisam estar definidas a partir dos princípios-chave que são: a *ética* e a *moralidade* do sujeito.

As relações de poder e prazer para com a atual sociedade podem elevar para questões calorosas entre várias comunidades, sejam elas: sociais, religiosas ou até políticas no intuito de trazer para com o meio o interacionismo sobre a temática. Essas discussões podem provocar no sujeito a ação de pensar, de repensar e de analisar o seu processo de construção do ser, para com as suas ações e seus atos nos grupos nos quais se insere.

No contexto da sociedade grega ateniense da Antiguidade Clássica o ato de filosofar e refletir sobre as ações humanas para com o meio atuavam como parte das ações de discussões entre filósofos e sociedade, com a possibilidade de promover reflexões no corpo social e nas relações entre os sujeitos com base na ética. Nesse desenvolver das relações, a arte de viver, *technē tou biou* pode ser considerada forma de cultura no sentido do cuidado de si como uma possível ferramenta de apoio para o sujeito consigo e com o meio.

Portanto, as relações de poder e de prazer para um sujeito reflexivo e ativo podem corroborar para a importância nas relações consigo e com o outro por meio do diálogo e das trocas de vivências a partir da ética.

A cultura de si apresenta a importância de respeitar a si não somente na condição social, mas enquanto sujeito de seus atos e para dentro das atitudes: individualistas, familiares e sociais. Assim, na atitude individualista, o valor absoluto que o sujeito agrega para si com relação às suas atribuições o leva a pensar no que é benéfico para si, e conseqüentemente a ação de descartar aquilo que não produz significado. Logo, nas relações familiares, o sujeito reflete sobre o conhecimento ensinado e como para ele dentro das suas atividades pode promover ações de transformação, correção e promoção dos valores para com a sua vida privada. Já na vida social, o sujeito transporta seus valores através de suas ações para com o outro, deixando claro sua singularidade, como aponta Foucault (1985).

Assim, o olhar foucaultiano sobre o princípio *epiméleia heautou* – o cuidado de si apresenta uma provocação com a relação que o sujeito tem consigo, com o mundo moderno e com a verdade. Nessa provocação Foucault apresenta discussão e reflexão da noção de cuidado de si entre os gregos e romanos, no seu estudo compreende a *epiméleia heautou* como um dever, e nele é fundamental os preceitos e princípios, juntamente com o conjunto de procedimentos que o sujeito faz ao assumir, modificar, purificar e transformar a si e o meio. Tomando como base o pensamento foucaultiano destaca-se que:

Temos, pois, com o tema do cuidado de si, uma formulação filosófica precoce, por assim dizer, que aparece claramente desde O século V a.C. e que até os séculos IV-V d.C. percorre toda a filosofia grega, helenística e romana, assim como a espiritualidade cristã. Enfim, com a noção de *epiméleia heautoû*, temos todo um corpus definindo uma maneira de ser, uma atitude, formas de reflexão, práticas que constituem uma espécie de fenômeno extremamente importante, não somente na história das representações, nem somente na história das noções ou das teorias, mas na própria história da subjetividade ou, se quisermos, na história das práticas da subjetividade (Foucault, 2010, p.12).

Com o efeito no pensamento foucaultiano, podemos analisar que a cultura de si valoriza a relação consigo e com o cuidado para a sua necessidade de desenvolver e organizar as suas práticas na vida privada e nas ramificações sociais. Então, em seus estudos, Foucault destaca como problema central em torno do cuidado de si a visão da Filosofia, que significa ter cuidados com a alma, com a verdade e com a razão, sendo nesse sentido, que descrevem alguns estudiosos.

Já para Foucault (1985) o cuidado de si está no modo como agimos e nos constituímos ao longo de nossa vivência na sociedade, elevando assim a compreensão das atitudes com base na ética.

Ao estudar os princípios, as práticas e as relações do cuidado de si a partir de experiências, por exemplo, dos filósofos da Antiguidade Grega, Foucault discorre em seu texto *História da sexualidade I*, a concepção de Platão sobre o cuidado de si, pois neste apresenta-se como uma forma de preparação para a vida, quando o jovem se torna adulto assume e compreende suas responsabilidades para com a sua vida e com a *pólis*. Em Epíteto, segundo Foucault (1985), o cuidado de si é um privilégio e deve sugerir combate às fragilidades da alma por meio de correções e disciplinamento, com conselhos e questionamentos sobre os modos de vida e como as pessoas adultas que entendem se ocupam consigo. Para os epicuristas o cuidado de si é um exercício permanente aos cuidados consigo, ou seja, cuidar-se ao longo da vida (Foucault, 1985).

Assim, Foucault (1985) em seus estudos traz a reflexão com relação às formas de viver, conviver, pensar e refletir sobre as ações dos sujeitos e os valores de uma cultura sobre o mundo. Este mundo criado pelos homens de acordo aos seus desejos, as suas alegrias, dores, medos, anseios e, ao mesmo tempo, ao controle de todas as emoções com as relações de poder e do saber.

O poder também é uma criação humana, temos a história e suas ações nos afirmando constantemente com as reflexões dos filósofos, cientistas e pesquisadores como cita Machado (2004, p.10): “O poder não é um objeto natural, uma coisa; é uma prática social e, como tal, constituída historicamente”.

Seguindo as análises de Machado (2004), para Foucault o poder é uma relação dinâmica que permeia todas as relações e classes sociais estando presente nas interações e nas tomadas de decisões coletivas. Ele entende o poder não apenas como uma forma de repressão ou dominação, mas também como algo produtivo que molda e influencia as práticas sociais e os discursos.

Isto posto, o poder não, é algo que uma pessoa ou grupo possui, mas sim algo que opera através das relações e práticas sociais, moldando o comportamento e as normas numa sociedade, assim a existência da microfísica do poder como ressalta Foucault (2010), pode contribuir para a sua formação de identidade individual e coletiva no grupo que está inserido.

Portanto, quando o poder é centrado apenas em um ser e não existe diálogo sobre a governança, temos a ditadura estabelecida e a propagação ao individualismo. Assim sendo, há propagação da rivalidade entre os membros passa ser constante no espaço tornando o competitivo nas relações, gerando um grupo doente, com ausência das interações e da sociabilidade.

Sobre o ser individualista Foucault (1985, p.48) ressalta que: “o individualismo é fraco e as relações de si para consigo não são desenvolvidas”. Portanto, o cuidado de si não se restringe apenas às questões individuais torna-se amplo nas dimensões e construções a ética na qual o respeito, a alteridade, a equidade e a responsabilidade mútua são valores orientadores nas relações humanas e nas práticas de exercícios na cultura da sociedade com sua moralidade.

Assim sendo, a reflexão sobre a própria realidade social pode implicar em um processo de cuidado de si, pois o sujeito passa a se conhecer melhor a partir do enfrentamento de suas próprias contradições internas em contato com novas perspectivas de ideias, de ações e com os obstáculos que a vida apresenta. Foucault (1985, p.59) declara que “O cuidado de si está intrinsecamente ligado a um ‘serviço de alma’ que comporta a possibilidade de um jogo de trocas com o outro e de um sistema de obrigações recíprocas”.

Nesse contexto, o cuidado de si é uma forma de resistência, uma maneira de se libertar dos mecanismos de controle que reprimi o pensamento reflexivo e as relações com a conduta, com intuito de controlar os corpos sobre o que não pode fazer na sociedade, e assim o modo de vida a seguir passa a ser padronizado. Para Foucault (2010, p.15) o ato de pensar torna-se o ato de filosofar:

Chamemos "filosofia" a forma de pensamento que se interroga sobre o que permite ao sujeito ter acesso à verdade, forma de pensamento que tenta determinar as condições e os limites do acesso do sujeito à verdade. Pois bem, se a isso chamarmos " filosofia", creio que poderíamos chamar de "espiritualidade" o conjunto de buscas, práticas e experiências tais como as purificações, as ascetes, as renúncias, as conversões do olhar, as modificações de existência etc., que constituem, não para o conhecimento, mas para o sujeito, para o ser mesmo do sujeito, preço a pagar para ter acesso à verdade.

Quando refletimos visamos tomar decisões mais assertivas que repercutem ao nosso favor e para nosso meio, seja ele, profissional, familiar e por extensão, para o social, pois quando temos ações conscientes e que não nos prejudicam, nem aos outros, há um cuidado consigo com o outro e com o meio.

Aquele que cuida de si, das suas funções e do seu papel dentro do seu ambiente familiar, apresentará certamente a mesma responsabilidade em outros ambientes que perpassar, com a compreensão novamente da sua atuação/função e verdade, sem precisar utilizar a força, o abuso de poder com as palavras ou força física, por compreender a importância do diálogo e da ética. O sujeito ético é uma figura viva e se faz presente constantemente nos lugares que corresponda com sua cultura.

Consequentemente, o conceito filosófico - *epiméleia heautou* - o cuidado de si e do outro sobre o olhar de Foucault, que serviu de aporte teórico para essa pesquisa, pode ser levado para os muros escolares e dedicada aos professores, por possibilitar uma reflexão quanto sujeito em processo de construção das relações com sua turma, com seus pares e com o meio. E são nas relações de poder e como elas são exercidas durante as aulas que o professor tem como ferramenta e busca para a superação de um autoritarismo, passando para uma dialogicidade por meio da ética, segundo Foucault (2010), aquele que cuida de si, dos seus afazeres, das suas funções compreende que a dimensão exata do exercício do seu poder, deve ser sem abusos para com o outro envolvendo assim, ações que podem promover o equilíbrio e o autorrespeito, como uma ferramenta didática não apenas beneficia ao seu trabalho, mas pode contribuir para a experiência educacional dos alunos, possibilitando um ambiente equilibrado e produtivo para todos e disseminando para outros meios sociais.

Assim, o conceito de *epiméleia heautou* - o cuidado de si pode contribuir para as ações éticas na sociedade escolar com a possibilidade de traçar caminhos assertivos para a construção e entendimento das condutas respeitadas e pode auxiliar a formação dos estudantes na construção do seu ser.

Dessa maneira, preceito do cuidado de si e do outro pode corroborar no entendimento das ações individuais e coletivas que compõe no espaço, na política, na cultura e na saúde extrapolando os muros escolares.

3.2 Análises da Pesquisa

Ao iniciar de fato a pesquisa de campo juntamente com foco nos seus objetivos e metas pré-estabelecidos, em nosso radar, além dos aportes teóricos como nosso apoio para compor as análises nos deparamos com um novo conflito. A pesquisa é um processo vivo e o ato de refletir durante o processo de caminhada se faz necessário. Por isso, quando o material inicia sua constituição deve ser analisado com atenção a fim de entender o seu processo de construção com base na ética ao longo do período estipulado.

O repensar, o analisar se faz necessário durante todo o caminhar da observação com os participantes e após o momento de reflexão com as análises do material, lançar seu registro de forma profícua para seu público-alvo e/ou para leitores curiosos com o tema, para poderem realizar suas leituras e porventura extrair dados relevantes para compor novas pesquisas e/ou refletir sobre a temática.

O ato de observar, acompanhar e entrevistar também é um desafio para que não se coloque em alguns momentos, aos sujeitos participantes, o posicionamento do pesquisador, pois este deve permanecer neutro e não avaliador nas possibilidades no decorrer do contato com seu objeto de pesquisa.

Portanto, ao iniciar a pesquisa, analisar as visitas, as entrevistas e os questionários dos sujeitos participantes, entende-se que o pesquisador deve fundamentar-se em dados reais e não ser autoritário na imposição das suas concepções, pois assim não constrói conhecimento e não contribui para com a Ciência.

Por certo, ao acompanhar o processo didático do professor com as Assembleias de Classe, observa-se que para uma prática pedagógica tornar-se exitosa a formação inicial e o seu processo de continuidade são possíveis ações que contribuem para os bons resultados, além de sinalizar o significado para o trabalho. Desta forma, a parceria da equipe gestora e pedagógica juntamente com o apoio e a contribuição do órgão público da Educação podem contribuir para a motivação e em consequência para resultados positivos da escola ou de toda rede educacional do município, estado ou federação.

O não planejar, o não discutir, o não trocar de ideias podem resultar em ações que podem trazer resultados não significativos constituindo-se apenas no movimento de fazer por fazer. Para evidenciar concretamente essa análise trouxemos a seguinte pergunta para os três professores: acredita que a Assembleia de Classe é uma ferramenta importante para o diálogo entre professor e aluno e entre aluno e aluno? E como resposta de um dos professores tivemos: *“Não acredito 100%. As assembleias deveriam ser cumpridas, ou pelo menos parcialmente?”*

Assim, ao implementar o movimento assembleísmo no espaço Escolar sem que haja uma formação prévia, de forma contínua e que ao longo da sua ação seja discutida, revista, replanejada, analisada e compartilhar por todos os seus membros, esse movimento pode não contribuir como ferramenta didática para o professor e consequentemente da Instituição Escolar.

Outro destaque que queremos apresentar é que o movimento de assembleísmo de Classe pode ser um desafio para o professor dentro de seu planejamento e com o trabalho no segmento que irá lecionar durante o ano letivo se não for sistematizado durante o planejamento de estudos nos momentos de encontros com os pares. Esse processo de formação pode colaborar com a compreensão de que a Assembleia de Classe pode ser uma ferramenta a contribuir com a didática nas aulas e dentro da prática professor no processo de

ensino e conseqüentemente no aprender dos estudantes como apresenta em sua fala o professor Alexandre:

Acredito que uma Assembleia bem direcionada e planejada, traz resultados significativos para a classe pois os alunos participam do planejamento de diversas atividades contribuindo com opiniões, sugestões e críticas. Alguns assuntos tratados na assembleia, eu consigo adaptar e articular com o conteúdo trabalhado (Professor Alexandre 5ªsérie).

A oportunidade de trabalhar com a ação de Assembleia de Classe, possibilita uma maior interação e sociabilidade com todos seus membros. A socialização de ideias ou críticas são benéficas para a compreensão do seu eu para com o meio e no cuidado para com as relações como Foucault pontua em seus estudos. As experiências do processo de assembleísmo e os debates com os estudantes são mecanismos para o professor poder compreender e refletir sobre sua coragem com a verdade de seu trabalho.

Um ponto interessante que vale ressaltar sobre a perspectiva com os professores entrevistados é que todos concordam com a potencialidade da Assembleia de Classe no espaço escolar. Porém, enfatizam sobre a importância da formação e o aprofundamento sobre a temática antes de iniciar o trabalho com seus estudantes, para a reflexão e o planejamento didático. Além de um suporte durante todo o processo do ano letivo.

Quando algo não apresenta significado para o sujeito, este por sua vez, não se sente motivado a desenvolver tal atividade ou ação. Espera-se que a equipe gestora ou o Órgão Público na figura de seu representante contribuam na motivação de seus professores para buscarem essa formação e desenvolvê-la com seus estudantes, com objetivos planejados e definidos conforme o estudo na formação ofertada. Dessa forma, o professor compreende qual é seu lugar e modo de atuação a partir das relações de poder e liberdade. O docente passa a entender que a subjetividade crítica também é um processo na qual o sujeito tem dentro de suas relações com o outro e com o espaço de convivência sendo construídas a partir do diálogo, do conhecimento e da interação com o outro.

O ato de vivenciar tal ação por todos no decorrer de seu processo com o trabalho na sala de aula pode contribuir para várias práticas felizes com os estudantes e em consequência motiva o trabalho da docência. Esse é o cuidado que tivemos em vista trazer para dentro desse texto como sugestão do cuidar de si e entender que é possível realizar tal trabalho com ética e coragem para assumir, modificar, transformar e contribuir com o meio.

Gaspar e Silveira (2023, p.195) tratam que o cuidado de si (*epiméleia heautou*) se torna uma atividade diária das ações humanas com base na reflexão repercutindo dentro do

espaço escolar. Assim, ressaltam que o cuidado de si pode manifestar-se no ambiente escolar como:

[...] exercício constante de reflexão, o que pode ser levado para a realidade escolar, de modo que possa ser possível uma ampliação de senso crítico e transformação dos próprios sujeitos. O poder e a resistência, por sua vez, se manifestam na transformação da própria organização escolar, isso por meio da participação democrática dos estudantes e na criação de práticas alternativas.

E é por meio da resistência, da transformação e da interação com seus estudantes que o educador constrói vínculos, os quais são refletidos e notáveis no amplo espaço escolar, com os funcionários e outros estudantes no dia a dia.

Maria, a professora da primeira série pontua a importância da Assembleia de Classe e a descreve como:

Assembleia é um momento de oportunizar aos alunos o desenvolvimento do pensamento crítico, a cidadania. É incentivar e favorecer a participação consciente de seus deveres e direito buscando o bem comum, a resolução de problemas, a melhoria da convivência, atingir metas e objetivos. É a construção democrática do viver e conviver (professora Maria 1ªsérie).

O enunciado da professora está em consonância com o postulado por Foucault sobre a constante reflexão da ação do sujeito para com o meio. Pois, a professora Maria busca por meio do seu trabalho e atuação discutir valores e regras com sua turma para uma organização coletiva e não apenas individual. Podemos entender, portanto, como um ato de cuidar de si e do outro responsivamente.

Para a professora Camila da terceira série a fala foi a seguinte: “*Não recebi nenhuma formação. As assembleias já vêm com as perguntas prontas as quais devemos realizar*”. Observa-se na reflexão de Foucault também sobre o processo de subjetivação ao qual o sujeito está inserido no controle das relações de poder que também se apresentam na escola, além da política de Estado.

Compreende-se com a fala da professora que as ações são realizadas segundo as “ordens” que lhes são apresentadas e seguidas muitas vezes sem questionamentos apenas por protocolo. Conclui-se por dizer que esta atitude da gestão não resulta numa prática de sucesso, pois não promove motivação e confiança sobre o trabalho a ser realizado.

Foucault (1985, p.60-61) destaca a passagem de Epicteto sobre a formação:

[...] Epicteto insiste nisso: ele quer que sua escola não seja considerada como um simples lugar de formação onde se pode adquirir conhecimentos úteis para a carreira ou a notoriedade, antes de voltar para casa a fim de se beneficiar dessa formação.

Assim, apenas seguir um protocolo como prática metodológica não significa que houve o estímulo e a motivação para a replicabilidade do que se foi tratado em um grupo.

Para que as ações no espaço escolar tenham uma boa prática entre todos, se faz necessário que a gestão tenha a consciência da formação coletiva e contínua além da motivação (o querer realizar) e comprometimento para a competência (o desenvolver) das ações no ambiente escolar.

Outra pergunta presente no questionário semiestruturado é a seguinte: “Assembleia de Classe pode ser uma ferramenta eficaz para os estudantes aprenderem na prática, sobre o que seja democracia e a participação cidadã, com base nos problemas e/ou discussões durante o movimento de assembleísmo? O professor Alexandre (5ª série) argumenta que:

Ao trabalharmos com assembleias os alunos ao participarem percebem que fazem parte de um grupo e que, juntos precisam negociar soluções muitas vezes sem perceberem estão desenvolvendo valores, sentimentos, autonomia, empatia etc., e aprendendo na prática o conceito de democracia e cidadania.

A resposta do professor Alexandre, vem ao encontro da concepção de Foucault (1985, p.57) sobre o: “trabalho de si, para consigo e a comunicação com outrem” numa prática de comunicação que contribui para o sujeito refletir sobre suas escolhas. Ter a segurança de se expressar no coletivo ajuda a ouvir as diferentes percepções e as possíveis estratégias para a resolução de uma situação seja individual ou social.

As ações coletivas estão em consonância com o que discorre Foucault (1985) sobre o cuidado como um exercício constante, que o sujeito tende a desempenhar em sua vida, além de poder, trocar com o outro de forma respeitosa e ética. “O cuidado de si aparece, portanto, intrinsecamente ligado a um serviço de alma que comporta a possibilidade de um jogo de trocas com o outro e de um sistema de obrigações recíprocas” (Foucault, 1985, p.59).

Ao propor uma discussão coletiva, os sujeitos envolvidos precisam ao seu modo encontrar maneiras e espaços para apresentar seus pensamentos, assim também como se faz a necessidade de ouvir atentamente sobre o que é falado e respeitar o momento do outro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação visou refletir sobre como a Assembleia de Classe pode contribuir para com o trabalho do professor na sala de aula tomando como conceito primeiro o cuidado de si do pensamento foucaultiano.

Para começar a desenvolver o trabalho com o assembleísmo escolar primeiramente sugere-se entender qual das ramificações das diferentes assembleias devem ser trabalhadas na escola e com seus membros, bem como, suas intencionalidades para com o meio. Tanto a Assembleia Escolar, Assembleia Professor, Assembleia de Classe ou Fórum Escolar discutimos a partir de questionamento aos seus profissionais, comunidade ou colaboradores indagando o conhecimento, ou não da temática e como tais ações poderiam contribuir para as relações de interação e de respeito no ambiente, com pessoas singulares na construção do entendimento da democracia e do que é ser um cidadão e da ética.

Assim, a formação inicial pode indicar ao mediador, seja ele, na figura de diretor, coordenador ou um representante do órgão público dados para seu planejamento a partir dos encontros com seu grupo. É preciso construir uma formação significativa e processual para o possível sucesso com o trabalho por meio do assembleísmo na Instituição Escolar.

Portanto, a prática de Assembleia de Classe pode ser tomada como ferramenta pedagógica para o labor do professor a partir do entendimento da sua intencionalidade para com ele e com sua turma, antes, durante e após o desenvolvimento do assembleísmo. No dia a dia, nas relações e na dialogicidade com os estudantes as assembleias podem possibilitar ao professor uma maior aproximação com os alunos que repercutirá no momento de suas explicações, aumentando a interação entre professor e o grupo.

Portanto, o professor na compreensão do respeito consigo e com seu trabalho para com o ato de ensinar pode favorecer aos alunos o gosto em participar do processo de ensino, estes por sua vez, entendendo-se como parte dessa ação e dando significado e significância a sua aprendizagem podem ultrapassar os muros da escola levando para o meio social e familiar.

Além disso, a Assembleia de Classe pode valorizar as ações de corresponsabilidade e replicabilidade docente no âmbito escolar no que diz respeito a todos os professores trocarem ideias, relações de reciprocidade, comunicações assertivas na convivência profissional, já que a cultura do cuidado de consigo fundamenta no desenvolvimento e na organização de sua prática, as concepções de democracia em um ambiente de todos para todos.

Logo, a contribuição do assembleísmo para com o trabalho do professor no dia a dia, pode possibilitar práticas produtivas com seus estudantes, nas quais podem contribuir para uma interatividade maior no espaço sala de aula, e nas interações com os estudos por propiciar a autonomia das ações do sujeito para com o sujeito e do sujeito para com seus estudos, por exemplo: na leitura, na escrita, na escuta ativa e no raciocínio lógico. Tais ações planejadas e desenvolvidas pelo professor se configuram como um espaço profícuo e alfabetizador, assim auxiliando na construção da argumentação ética como prática educacional e social emancipadora de seus membros.

Outrossim, Assembleia de Classe pode inspirar e colaborar na construção dos diálogos construtivos, na tomada de decisões coletivas, resultando na compreensão do que é democracia com respeito ao espaço do outro. Presentemente, os estudantes e professores têm a oportunidade de se expressarem, ouvirem diferentes opiniões e contribuir para melhorias no ambiente da sala de aula e conseqüentemente a compreensão da ética para com o meio.

Uma questão fundamental a se pontuar é que ao participar ativamente da Assembleia de Classe com ações planejadas pelo professor, presente na fala dos entrevistados, e que o estudante passa a interagir com o conceito de democracia e exercer o cuidado de si ao se colocar como sujeito ativo para com a sua formação e do seu colega, corroborando no seu processo de aprendizagem no ambiente que estão inseridos. Os estudantes passam a assumir a responsabilidade e o protagonismo das ações como da alteridade, da escuta ativa e respeitosa com relação às opiniões divergentes por buscar encontrar soluções no grupo com a mediação do professor.

Além disso, a Assembleia de Classe indica ao professor que durante os encontros pedagógicos e formativos as trocas de saberes entre os pares podem oportunizar o diálogo e a interação entre todos proveitosamente, dentro desse momento pedagógico, assim contribuindo para a autorreflexão, o autoconhecimento, a autoavaliação da sua prática didática.

Portando, o cuidado de si está relacionado com a coragem na promoção da verdade e do respeito com a alteridade entre os sujeitos como encontrado no aporte teórico foucaultiano, resultando na convivência assertiva, dinâmica e respeitosa no dia a dia profissionalmente. Dessa forma, a participação na Assembleia de Classe pode ser vista como uma prática do cuidado consigo por envolver a responsabilidade em assumirmos nossos atos, repensá-los, modificá-los quando for necessário e/ou até os transformar com autonomia, emancipação e aprimoramento individual e coletiva.

Trazendo novamente as concepções da Assembleia de Classe de Araújo (2015) e Puig (2000) referente a importância da gestão de sala, da organização e do planejamento para com

as ações de assembleísmo entende-se que estas podem sinalizar e repercutir na compreensão do diálogo respeitoso, do espaço que cada membro tem por direito com base na ética e regulando as ações entre todos os sujeitos participantes.

Ao longo do processo desta pesquisa, dos estudos e com as visitas foi possível refletir sobre as minhas ações profissionais. A sala de aula mesmo com as suas peculiaridades e desafios ainda, sim, pode se dizer, sendo o melhor local de se estar. O ato de ensinar requer também consigo o ato de aprender e não há como separá-los. Logo, o professor reflexivo analisa e compreende que o ato pedagógico está relacionado com sua *práxis* mediante uma formação continuada e com o seu trabalho, juntamente com seus estudos, com replicabilidade para com seus pares e conseqüentemente na comunicação assertiva com seus estudantes.

Os movimentos que ocorrem na sala de aula quando são acordados e seguidos por todos podem promover e contribuir para um ambiente alfabetizador e dinâmico nas relações por meio do cuidado de si e para com o outro com a base na ética.

Sendo assim, não há conquistas sem a participação de todos, a contribuição mesmo que pequena, de alguma forma, valerá ao longo do percurso conformando-se em ação para os resultados.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Ulisses Ferreira. **A construção de escolas democráticas**: histórias sobre complexidade, mudanças e resistências. São Paulo: Moderna, 2002.

ARAÚJO, Ulisses F. **Assembleia Escolar**: um caminho para a resolução de conflitos. São Paulo: Moderna, 2004.

ARAÚJO, Ulisses F. **Autogestão na sala de aula**: as assembleias escolares. Summus Editorial, 2015.

ARENA Adriana Pastorello Buim. Elise e Celestin Freinet: um casal militante em busca de uma **pedagogia humanizadora**. In **Alfabetização humanizadora vez e voz às crianças**. Dezembro 2023. Disponível em https://nahum-lescrever.com.br/wp-content/uploads/2024/01/PERIODICO_Homenagem_2023-1.pdf Acesso em 08 ago. 2024

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Trad. Leonel Vallandro e Gerd Bornheim. São Paulo: Abril Cultural, 1964. Vol. IV: Os Pensadores. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidente da República, [2016]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm

ARTHUR, Margareth. Portal de Revistas da USP. 2021 Disponível em: <https://jornal.usp.br/ciencias/literatura-de-conceicao-evaristo-resgata-a-ancestralidade-negro-brasileira/>

ALVARENGA, Eduardo José de. 2022. Disponível: <https://www.infoescola.com/biografias/marina-silva/>

BARROS, José D.'Assunção. **História, espaço e tempo: interações necessárias**. Varia história, v. 22, p. 460-475, 2006.

BIDASECA, Karina. Blog UNICAMP, Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/mulheres-na-filosofia/maria-lugones/> - último acesso junho 2024.

BRASIL, Ministério da Educação. **LDB, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. – 6. ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2011.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 2016. 496 p. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf. Acesso em: 24 maio 2021.

BRASIL. RIL Brasília a. **Liberdade de expressão, isegoria e verdade**. A tensão entre democracia e república na política moderna. RIL 58 n. 232 p. 195-212 out./dez. 2021. Disponível em https://www12.senado.leg.br/ril/edicoes/58/232/ril_v58_n232_p195.pdf/@@download/file/ril_v58_n232_p195.pdf. Acesso em: 21 de setembro de 2024.

CURRÍCULO de São Paulo: Disponível:

<https://curriculo.sme.prefeitura.sp.gov.br/atividade/assembleias-escolares-tomando-decisoes-na-classe/assembleia-escolar-para-decidir-em-grupo> - último acesso junho 2024.

CANDIANI, Heci Regina. Blog UNICAMP, Disponível em:

<https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/simone-de-beauvoir-2/> - último acesso junho 2024.

CHAUI, M. **Convite à Filosofia**. 12ª ed., São Paulo: Editora Ática, 2000

FERRARO, Karina Perin. **Movimento estudantil, gestão democrática e autonomia na Universidade**. 2011. 209 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, 2011.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: o cuidado de si**. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal Ltda, 1985.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. Curso dado no *Collège de France* (1981-1982) Trad. Marcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FLEURY–Fiocruz-RJ, Sonia, et al. **"O Dicionário De Favelas Marielle Franco e a Descolonização Do Conhecimento1"** – (último acesso junho 2024).

FRAZÃO, Dilva. **E Biografia** Disponível em: https://www.ebiografia.com/zilda_arns/ - último acesso junho 2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

FREINET. C. **As técnicas Freinet da escola moderna**. Lisboa: Editorial Estampa, 1995.

GASPAR, Priscila Aparecida, SILVEIRA, Carlos Roberto. Assembleia Escolar um viés foucaultiano através do cuidado de si e do outro. In: Bianchessi, Cleber [org.]. **Reflexões sobre educação e ensino: saberes e práticas em diferentes cenários** – Vol. 2 [recurso eletrônico] /– 1.ed. – Curitiba-PR, Editora Bagai, 2023, p.187.

HAMZE, Amelia CANAL DO EDUCADOR. **Escola Nova e o movimento de renovação do ensino**. Disponível em: <https://educador.brasilecola.uol.com.br/gestao-educacional/escola-nova.htm>. Acesso em: abr. 2024.

LEE, R. **Minha Vida - Aqui, Ali, em Qualquer Lugar**. composição: John Lennon / Paul McCartney. tradução da Letra de Rita Lee, gravadora Deckdisc/abril Music, São Paulo, 2001 disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ImKODXtNK4g>. Acesso em setembro/24.

LEHER, R. **Rebeliões estudantis refundam a luta social pelo público**. Margem Esquerda: ensaios marxistas, n. 10, p. 97-102, nov. 2007.

MACHADO, R. Introdução à Microfísica do Poder. In: FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Trad. de Roberto Machado. 20. Ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2004.

MANTOVANI, Claudia Kampus. **A assembleia de classe como prática possibilitadora da vivência democrática: uma experiência com alunos do Ensino Fundamental 2**. 2016. 140 f. Dissertação (Mestrado em Educação: Currículo) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.

MENEZES, M. L. de. **Democracia de Assembleia e Democracia de Parlamento: uma breve história das instituições democráticas**. Sociologias, Porto Alegre, ano 12, no 23, jan./abr. 2010, p. 20-45.

MICHAELIS. **Dicionário Escolar da Língua Portuguesa**. – São Paulo: Editora Melhoramentos, 2008.

MONTE, karolina, **Guia do estudante**. 2024. Disponível em: <https://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/quem-e-e-o-que-pensa-marilena-chaui-filosofa-br-asileira-contemporanea>

PICCHIONI, Marta Serra Young. **À sombra do assembleísmo pedagógico: fazeres escolares democráticos e tecnologias do eu**. 2010. 114 p. Dissertação (mestrado) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2010.

PUIG, J.M., MARTÍN, X., ESCARDÍBUL, S., NOVELLA, A.M. **Democracia e Participação Escolar**: propostas de atividades. São Paulo: Moderna, 2000.

PLATÃO. **O banquete**. Tradução Carlos Alberto Nunes. Belém: UFPA, 2001

ROSA, Ana Paula Marques da; GOI, Mara Elisângela Jappe. **Teoria socioconstrutivista de Lev Vygotsky: aprendizagem por meio das relações e interações sociais**. Revista Educação Pública, Rio de Janeiro, v. 24, nº 10, 26 de março de 2024. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/24/10/teoria-socioconstrutivista-de-lev-vygotsky-aprendizagem-por-meio-das-relacoes-e-interacoes-sociais>

SILVA, Roksyan de Paiva. **Assembleia escolar estudantil: espaço para produção de diários reflexivos**. Orientador: Prof. Dr. Joseval dos Reis Miranda. 2020. 255 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras – Profletras) – Centro de Ciências Aplicadas e Educação, Universidade Federal da Paraíba, Mamanguape, 2020.

SILVEIRA, C. R. **A Educação Socrática como “Modo de Vida”: a Imagem do “Cuidado de Si” na Beleza Poética do Sátiro**. Horizontes, 32(2). 2014
<https://doi.org/10.24933/horizontes.v32i2.180>

YOUSAFZAI, Malala. **Eu sou Malala: a história da garota que defendeu o direito à educação e foi baleada pelo Talibã**. Editora Companhia das Letras, 2013.

WIKIFAVELAS, D. F. M. F. Wikifavelas: **organização e conceitos**. Eixos de análise e categorias temáticas do dicionário de favelas Marielle Franco. 2020 III, color. Disponível em: <https://wikifavelas.com.br/Wikifavelas:Organização_e_Conceitos>.